

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**MATHEUS NADUR DOS SANTOS**

**O USO DO TERRITÓRIO NACIONAL POR EMPRESAS TRANSNACIONAIS:  
O CASO DA *UNIFI DO BRASIL* EM ALFENAS-MG**

**Alfenas/MG**

**2023**

**MATHEUS NADUR DOS SANTOS**

**O USO DO TERRITÓRIO NACIONAL POR EMPRESAS TRANSNACIONAIS:  
O CASO DA *UNIFI DO BRASIL* EM ALFENAS-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de **Licenciado** em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas.

Orientador: Prof. Dr. Gil Carlos Silveira Porto

**Alfenas/MG**

**2023**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Unidade Educacional Santa Clara

Santos, Matheus Nadur dos.

O uso do território nacional por empresas transnacionais : o caso da *Unifil do Brasil* em Alfenas-MG / Matheus Nadur dos Santos. - Alfenas, MG, 2023.  
76 f. : il. -

Orientador(a): Gil Carlos Silveira Porto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2023.  
Bibliografia.

1. Território usado. 2. Multinacional. 3. Indústria têxtil. I. Porto, Gil Carlos Silveira, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

**MATHEUS NADUR DOS SANTOS**

**O USO DO TERRITÓRIO NACIONAL POR EMPRESAS TRANSNACIONAIS:  
O CASO DA *UNIFI DO BRASIL* EM ALFENAS-MG**

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de **Licenciado** em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: 11 de julho de 2023

Prof. Dr. Gil Carlos Silveira Porto - Orientador  
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves  
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

Prof. Dr. Sérgio Henrique de Oliveira Teixeira  
UNILA/UNIFAL-MG

Assinatura:

Dedico esse trabalho à geógrafa e professora Maria Adélia Aparecida de Souza, a quem atribuo o despertar do meu interesse pela Geografia Nova.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, professor Dr. Gil Carlos Silveira Porto, pela dedicação e exemplo de paixão pela Geografia, que muito nos auxiliou, para além da execução desse trabalho.

Aos demais professores e professoras, que nos formaram nos últimos anos, não somente com conteúdos, mas valores de vida, nos apontando a realidade e uma outra possibilidade de ser e fazer o mundo.

À minha família, que sempre me apoiou nos meus sonhos, e me permitiram realizar os estudos da graduação, me amparando de todas as formas possíveis.

Às instituições de fomento, CAPES e CNPq, que através de bolsas para a graduação, em diferentes projetos, facilitaram a minha estadia ao longo dos estudos.

Aos meus companheiros, amigos e amigas, que tornaram a aventura alfenense algo possível e agradável, para além do que poderia imaginar.

Por fim, e não menos importante, agradeço a Deus, que nunca me abandona, apesar de minhas fraquezas, me recordando sempre o fim último de todas as nossas ações.

[...] Para os pobres de um modo geral, o espaço “inorgânico” é um aliado da ação, a começar pela ação de pensar; enquanto a classe média e os ricos são envolvidos pelas próprias teias que, para seu conforto, ajudaram a tecer: as teias de uma racionalidade invasora de todos os arcanos da vida, essas regulamentações, esses caminhos marcados que empobrecem e eliminam a orientação para o futuro. Por isso os “espaços luminosos” da metrópole, os espaços da racionalidade, é que são, de fato, os espaços opacos.

(SANTOS, 2013, p. 81)

## RESUMO

O Espaço geográfico e, mais especificamente, o território usado, constituem, segundo Santos (2013), o objeto de pesquisa da Geografia. Nesse intuito, o presente trabalho, intitulado *O uso do território nacional por empresas transnacionais*, tem como foco específico o caso da empresa Unifi Brasil, com sede produtiva em Alfenas-MG. O objetivo da pesquisa foi estudar o uso do território brasileiro pela empresa Unifi do Brasil, de Alfenas, e sua relação com Estado, seja na sua esfera federal, estadual ou municipal, buscando entender o conflito territorial advindo desse uso. A realização desse trabalho compreendeu três etapas: a sincrética, a analítica e a de síntese. Ao longo dessas fases ocorreram as revisões bibliográficas, análises documentais, entrevistas e visitas de campo. A pesquisa deseja contribuir para a ampliação dos estudos na área, considerando a importância da dimensão econômica e espacial na vida de toda a sociedade, especialmente a partir do pensamento do geógrafo Milton Santos e de sua Geografia Nova. Ao realizar esse trabalho, compreendeu-se que a empresa Unifi do Brasil usa o território nacional como recurso, sujeito a seus interesses e estratégias de mercado. Porém, através de escolhas conscientes da realidade, outra possibilidade pode surgir, em que o território ofereça condição de vida digna para todos e todas.

Palavras-chave: território usado; multinacional; indústria têxtil.



## **ABSTRACT**

The geographical space and, more specifically, the territory used, constitute the research object of Geography. In this sense, the present work presents as a research theme the use of the national territory by transnational companies, with a specific focus on the case of the company Unifi Brasil, with production headquarters in Alfenas-MG. The objective of the research was to study the use of the Brazilian territory by the company Unifi do Brasil, from Alfenas, and its relationship with the State, whether in its federal, state or municipal sphere, seeking to understand the territorial conflict arising from this use. The realization of this work comprised three stages: the syncretic, the analytical and the synthesis. Throughout these phases, bibliographic reviews, document analysis, interviews and field visits took place. The research aims to contribute to the expansion of studies in the area, considering the importance of the economic and spatial dimension in the life of society as a whole, especially from the thought of geographer Milton Santos and his New Geography. When carrying out this work, it was understood that the company Unifi do Brasil uses the national territory as a resource, subject to its interests and market strategies. However, through conscious choices of reality, another possibility may arise, in which the territory offers dignified living conditions for all.

Keywords: territory used; multinational; textile industry.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Os elementos dos dois circuitos                      | 36 |
| Figura 2 - Unifi em Alfenas-MG por satélite, em 2023            | 37 |
| Figura 3 - Distrito Industrial de Alfenas-MG, em 2023           | 45 |
| Figura 4 - Unifi em Alfenas-MG, 2023                            | 46 |
| Figura 5 - Esquema da teoria da localização industrial de Weber | 50 |
| Figura 6 - Mapa da localização de Alfenas-MG, 2023              | 50 |
| Figura 7 - Recorte do site da Unifi sobre carreiras             | 56 |

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos dois circuitos da economia urbana  
nos países subdesenvolvidos

39

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Concentração industrial (têxtil) no Brasil na década de 1990

27

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|       |   |
|-------|---|
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior     |
| CNPq  | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico   |
| IBGE  | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                 |
| ICMS  | Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços |
| ISO   | Organização Internacional para Padronização                     |

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>16</b> |
| <b>2</b> | <b>ESPAÇO E ECONOMIA: UM ESFORÇO TEÓRICO.....</b>                                    | <b>22</b> |
| 2.1      | O período do meio técnico-científico-informacional.....                              | 22        |
| 2.2      | Um esforço teórico.....  | 24        |
| 2.3      | O universo conceitual de Milton Santos.....  | 29        |
| <b>3</b> | <b>UNIFI DO BRASIL: FENÔMENO E ESSÊNCIA.....</b>                                     | <b>34</b> |
| 3.1      | A Unifi enquanto estrutura e processo.....   | 35        |
| 3.2      | A Unifi enquanto forma e função.....   | 44        |
| <b>4</b> | <b>UNIFI, TERRITÓRIO E RECURSO: DA ESTRATÉGIA A UMA<br/>OUTRA POSSIBILIDADE.....</b> | <b>49</b> |
| 4.1      | A localização.....   | 49        |
| 4.2      | Os incentivos fiscais.....   | 51        |
| 4.3      | O emprego.....   | 55        |
| 4.4      | Por uma outra possibilidade.....   | 58        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>60</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>62</b> |
|          | <b>APÊNDICES .....</b>   | <b>64</b> |
|          | <b>ANEXOS .....</b>  | <b>77</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O Espaço geográfico e, mais especificamente, o território usado, segundo Santos (2013), constituem o objeto de pesquisa da Geografia. Cabe, portanto, aos geógrafos estudar e compreender como se dá sua organização e as relações provenientes dela. Nesse intuito, o presente trabalho, intitulado *O uso do território nacional por empresas transnacionais*, tem como foco específico o caso da empresa Unifi Brasil, com sede produtiva em Alfenas-MG.

A empresa Unifi Brasil é produtora de fios de poliéster. É originalmente estadunidense, embora em seu site para o Brasil essa informação não seja explícita, aparecendo apenas como “Unifi Brasil”.

A referida empresa foi fundada por George Allen Mebane em 1971, nos Estados Unidos da América, tendo sua sede principal, nos dias de hoje, na cidade de Greensboro, na Carolina do Norte. De acordo com seu site oficial, após a abertura da China para a economia externa, a empresa também realizou investimentos no país, tendo presença hoje na América do Norte, Central e Sul, além de Ásia, Europa e Oriente Médio. Já em seu site brasileiro, a Unifi diz atender o mercado nacional desde 1999, com um “parque fabril de última geração” em Alfenas, localizado no parque industrial da cidade.

Entende-se que o tema pertence à Geografia e, mais especificamente, à Geografia Econômica, pois, como afirma Méndez (1997) cabe à essa última o “estudo das interrelações dialéticas existentes entre a atividade econômica e o espaço”.

No entanto, o tema proposto sugere diversos questionamentos que devem ser respondidos cientificamente ao longo deste trabalho, como os possíveis conflitos territoriais existentes entre os interesses locais e os da empresa; os fatores que influenciaram na decisão da empresa Unifi de se instalar em Alfenas; além da origem de sua matéria prima e mão de obra, bem como o destino de seu produto final.

O objetivo geral da pesquisa, portanto, será estudar o uso do território brasileiro pela empresa Unifi do Brasil, de Alfenas, e sua relação com Estado, seja na sua esfera federal, estadual ou municipal, buscando entender o conflito territorial advindo desse uso.

De modo específico, busca-se averiguar quais fatores influenciaram na

decisão da empresa Unifi de se instalar em Alfenas, pesquisar de onde vem a matéria prima utilizada pela empresa e para onde vai o produto final por ela produzido, bem como os meios utilizados para o transporte, e avaliar a relação da empresa com os trabalhadores, descobrindo de onde vem sua mão-de-obra, se há preferência local, e se as condições de trabalho respeitam a legislação vigente no Brasil.

A pesquisa científica na área da geografia econômica é, como já citado anteriormente, necessária para a melhor compreensão das relações existentes entre as atividades econômica e o espaço, possibilitando assim que a sociedade possa, munida de conhecimento a respeito da realidade, tomar decisões em vista do bem comum.

A presente pesquisa deseja, portanto, contribuir para a ampliação dos estudos na área, considerando a importância da dimensão econômica e espacial na vida de toda a sociedade. O tema em questão, quanto ao uso do território nacional por empresas transnacionais, já foi discutido em outros trabalhos acadêmicos, como, por exemplo, na obra “Da Totalidade ao Lugar”, onde o geógrafo Milton Santos (1979) nos oferece a teoria dos dois circuitos da economia urbana, existente nos países subdesenvolvidos, apontando a relação de conflito entre eles.

Ainda no tema, quanto ao caso específico da Unifi do Brasil, podemos destacar a importância do estudo da indústria têxtil no Brasil, que vem sofrendo modificações ao longo dos últimos anos, acompanhando as mudanças do mercado mundial, como, por exemplo, a abertura ao mercado externo. Também, a título de exemplo, podemos citar um trabalho sobre o tema, de Fugita e Jorente (2015), intitulado “A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural”.

Destaca-se, também, a ausência de estudos sobre a referida empresa e, por extensão, do Distrito Industrial de Alfenas, entre os temas já pesquisados pela Geografia da Unifal. Consideramos ser de grande importância a valorização de estudos sobre os objetos e fenômenos que estão ou ocorrem no âmbito local e regional, devendo a Geografia contribuir com novos conhecimentos sobre o tema.

Em relação à metodologia, a realização desse trabalho compreendeu três etapas. A sincrética, a analítica e a de síntese. Ao longo dessas fases, que serão abordadas nesse tópico, ocorreram as revisões bibliográficas, análises documentais, entrevistas e trabalho de campo.



Ao iniciar a pesquisa, realizamos a análise bibliográfica de textos já estudados ao longo da graduação, bem como de autores selecionados por nós nos estudos em grupo ou para a objetiva realização desse trabalho. Nesse momento, concluímos ser de grande importância destacar nossa opção de método. O método científico a ser utilizado em um trabalho é questão fundamental para o desenvolvimento de toda pesquisa científica. Essa questão tem trazido diversos debates, inclusive entre autores da geografia, como Sposito (2003), ao apontar que há uma carência nos trabalhos na discussão do método e, por consequência, há uma dificuldade em utilizá-lo de maneira satisfatória.

Portanto, ao apresentar nossa metodologia e referencial teórico a ser utilizado ao longo de nossa pesquisa, iremos reafirmar nossa opção pelo método dialético, compreendendo que este melhor auxilia na interpretação do mundo e da sociedade (PAULO NETTO, 2015).

Assim, o trabalho segue o método materialista histórico-dialético, partindo das condições materiais de existência e de produção do objeto em questão, considerando seu processo histórico dentro de uma estrutura total, o mundo capitalista, que é marcado por contradições, portanto, dialético. Nossos estudos de método nos conduziu a estudar o objeto em três etapas, sendo a primeira uma visão da sua totalidade, sincrética, vendo o todo e o objeto como parte desse todo, ainda que confuso. Essa etapa pode ser associada à etapa de elaboração teórica, em que os textos e autores estudados nos conduzem a visões abstratas da totalidade, num esforço de relacioná-las ao objeto de estudo. Esses autores, que citamos ao longo do trabalho, ora nos auxiliam nas formulações teóricas, e ora nas mais empíricas.

Destacamos a importância de autores como Milton Santos, David Harvey, Méndez e Paulo Netto, que auxiliaram na elaboração teórica do trabalho, como também Armen Mamigonian, Fugita e Jorente, Anita Kon e Durval Calegari Coan, e Carolina Rocha Batista, que lançaram luz sobre o processo de industrialização brasileiro, colaborando na análise empírica.

A segunda etapa constitui-se de análise, em que o objeto de estudo, a empresa Unifi do Brasil, foi tirada do todo e analisada, como diz Paulo Netto (Ibidem, p. 45), nas suas “determinações as mais simples”. Ou seja, não é mais o todo, com suas determinações complexas. Não mais o território nacional, espaço da economia internacional, mas uma parte dele, uma empresa multinacional em território nacional. Associamos essa etapa à visita de campo, na sede produtiva da empresa em

Alfenas, bem como às entrevistas realizadas, com diretor da fábrica e com político do município, além de consulta a documentos que tratam da empresa e sua instalação. Assim, a parte foi estudada nos seus detalhes, com auxílio dos teóricos escolhidos e em coerência com o método.

Nessa etapa analítica, que reúne as entrevistas, trabalho de campo, e análise de documentos, se iniciou com algumas visitas ao Distrito Industrial da cidade. Nessas visitas, foi observado o entorno da empresa, a proporção da área ocupada, bem como algumas características externas. Em uma dessas visitas nos apresentamos na portaria, solicitando o agendamento de um horário para conversar com o responsável, e também a possibilidade de conhecer as instalações. Por interfone, falamos com Suzete Loro Noronha, assistente executiva da empresa, que nos orientou em nossa demanda. Assim, dias depois, conseguimos realizar a visita às instalações da empresa junto com uma turma do curso de Química da Unifal, sob responsabilidade do professor Adriano Aguiar Mendes, do Instituto de Química, que já tinha visita agendada.

Quantos às entrevistas, conseguimos acesso, por e-mail, ao diretor de produção da Unifi, que nos respondeu sobre a relação da empresa com o poder público, com os funcionários, com o meio ambiente e também sobre o processo de instalação e permanência da empresa na cidade. Também conseguimos entrevistar o ex-prefeito de Alfenas, Pompílio Canavez. Ele trouxe contribuições sobre o processo de instalação, uma vez que na época ele já atuava politicamente no município. Além disso, compartilhou informações da relação de sua administração com a empresa, no período de seu mandato como prefeito, do ano de 2005 ao ano de 2012.

Na busca por documentos, e em paralelo a outra pesquisa de Iniciação Científica que realizamos, contactamos a Junta Comercial da cidade de Alfenas, que nos informou que o registro das empresas fica na sede em Belo Horizonte. Acessamos o site da Junta Comercial de Minas Gerais (JUCEMG), e através dele solicitamos alguns dados sobre multinacionais sediadas ou com filiais no Sul de Minas Gerais. Fomos informados que alguns dados são cobrados para serem liberados, uma vez que a Lei 8.934/94 que dispõe sobre o Registro Público de Empresas Mercantis e Atividades Afins e outras providências, define, em seu artigo 29 que “Qualquer pessoa, sem necessidade de provar interesse, poderá consultar os assentamentos existentes nas juntas comerciais e obter certidões, mediante

pagamento do preço devido”. Ao realizar a encomenda, para se ter acesso ao número de empresas de capital externo no Sul de Minas Gerais, nos foi informado que não seria possível encontrar, uma vez que apenas seis empresas tem registro como de capital externo, e nenhuma delas nos municípios citados. Junto com a resposta, a atendente nos disponibilizou, de cortesia, o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) da Unifi, que possibilitou sabermos o ano exato da constituição da empresa no Brasil, além da informação de que ela foi criada como uma nova empresa aqui, e depois registrada como sócia da estadunidense (apenas para efeito jurídico)<sup>1</sup>.

Por fim, a terceira etapa é a da síntese, quando olhamos o todo novamente, após a análise pormenorizada da etapa anterior. Agora o todo não é mais caótico, mas “uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (Idem, p. 43). Entendemos que essa etapa metodológica se dá na sistematização da pesquisa, quando se organiza o material e os conhecimentos acumulados para a escrita e apresentação dos resultados. Isso compreende os esforços para a produção desse trabalho, quando apresentamos nossas reflexões acerca do objeto, embasados em nossas leituras e análises, seja por apresentação textual ou oral. Essa etapa se fez sob a orientação do professor Dr Gil Carlos Silveira Porto, através de encontros para leitura e discussão dos dados obtidos.

A pesquisa possibilitou compreender que a empresa Unifi do Brasil usa o território nacional como recurso, sujeito a seus interesses e estratégias de mercado. O território usado como abrigo pelos cidadãos, especialmente os do município de Alfenas-MG, entra em conflito com o uso que a empresa faz, perceptível na sua relação com o poder público local e com seus trabalhadores. Através de escolhas conscientes da realidade, outra possibilidade pode surgir, em que o território ofereça condição de vida digna para todos e todas.

O presente trabalho está organizado em cinco partes, sendo essa introdução a primeira. A segunda parte, o capítulo *Espaço e Economia: um esforço teórico*, apresenta a relação entre as categorias de espaço e economia, cuja relação é o objeto de estudo da Geografia Econômica. Nesse capítulo é apresentado o referencial teórico que embasará esse trabalho.

---

<sup>1</sup> Segundo nos informou a Junta Comercial de Minas Gerais, essa prática é comum, uma vez que solicitar a abertura de uma filial de uma empresa com sede no exterior (procedimento padrão) é mais burocrático.

Na terceira parte, o capítulo intitulado *Unifi do Brasil: fenômeno e essência*, é apresentada a empresa objeto concreto de estudo desse trabalho, a partir dos conceitos de forma, função, estrutura e processo de Santos (2014).

Já na quarta parte, temos o capítulo *Para além da análise: da estratégia a uma outra possibilidade*, traz o uso como recurso que a Unifi faz do território, apresentando suas estratégias e abrindo a discussão para uma outra possibilidade. Por fim, para a quinta e última parte reservamos nossas considerações finais.

## 2 ESPAÇO E ECONOMIA: UM ESFORÇO TEÓRICO

A relação indissociável, mas também contraditória, e portanto dialética, entre espaço e economia pode ser verificada no estudo do território usado. Sendo o território a empiricização do espaço geográfico, é necessário estudá-lo a partir dos seus objetos e ações, tal como as relações do tipo econômicas e suas consequências, que também partem de objetos com funções econômicas, dotadas de formas para atender aos seus objetivos.

Parte-se, portanto, da compreensão de que a ciência geográfica tem apenas um único objeto de estudo, o Espaço Geográfico, e este é definido por Santos (2017, p. 63) como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerado isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Por isso a necessidade de estudar o território a partir de seus objetos e de suas ações, e como proposto, o estudo da relação entre espaço e economia a partir da Geografia deve se considerar os objetos com funções econômicas, como também as suas ações econômicas. Mesmo que cada objeto não tenha uma única função, e não exerça uma única ação, considera-se aqueles constituídos para isso, ao menos predominantemente.

Além disso, a definição apresentada de espaço geográfico considera que esses conjuntos, de sistemas de objetos e ações, não devem ser tomados isoladamente, mas considerando que, fazendo parte de um sistema, se relacionam entre si, modificando-se e sendo modificados.

Ainda na definição do conceito, a ideia de que a história se dá no espaço mostra que espaço e tempo devem ser considerados não de forma isolada ou separada. Tomando o tempo como a sucessão de eventos, como mudança, transformação, tem-se que isso se dá materialmente, sendo o espaço essa possibilidade para os eventos (SANTOS, 2013).

### 2.1 O período do meio técnico-científico-informacional

Assim, tal estudo exige conhecimento de processo, no sentido histórico, para que todos os conceitos estejam coerentes. É necessário um esforço de

periodização, para que não se trabalhe com uma visão abstrata de tempo, mas se possa ter um enfoque empírico da realidade (SANTOS, *ibidem*).

O período a que nos referimos é o atual, do meio técnico-científico-informacional, que se inicia após a Segunda Grande Guerra (1939-1945) e alcança nossos dias. Nesse período, as relações não são mais isoladas, ou restritas ao entorno, no próprio grupo humano que ali vive, nem tão pouco restritas ao mesmo país. Esse período se confunde com a globalização, a qual pode ser tomada como seu sinônimo. No mundo globalizado, todos os territórios são alcançados pelo grande capital hegemônico, e um discurso único governa a todos (*Idem*).

Nesse período, a técnica se desenvolve com auxílio da ciência, que também se desenvolve com a técnica. Ambas possibilitaram a criação de novos objetos, que Santos (*ibidem*) nos afirma dotados de um discurso e de uma informação que lhes garante chegar a finalidades determinadas. Graças a essa nova natureza, cheia de objetos técnicos e informacionais que nos rodeiam, mas que nem sempre nos servem, o mundo de hoje pode ser acessado em sua totalidade, o que em tempos passados era impossível.

Para Santos (2000) o mundo no meio técnico-científico-informacional tem um conjunto de características: a unicidade técnica; a convergência dos momentos; e o motor único. Dessas características, intrinsecamente ligadas umas às outras, podemos entender melhor como se dão as ações econômicas no território nacional.

A unicidade técnica seria o fenômeno de um único sistema de técnica ser usada ao mesmo tempo em todo o planeta. Isso é possível nesse período, onde o conhecimento, através das tecnologias da comunicação e dos transportes, permite que uma determinada técnica, ao se provar melhor e superar outras, torna-se a opção em todos os lugares, onde se tenha capital para isso.

Por convergência dos momentos entende-se a possibilidade de, no mundo atual, graças aos sistemas de técnicos de comunicação, de se relacionar, em tempo real, diversos lugares diferentes, interagindo-se e mutuamente se transformando. Os momentos, vividos em separado nos lugares, agora se convergem, como se tudo pudesse dar-se num mesmo e único lugar.

Por motor único entende-se a razão de funcionamento da sociedade atual, que para Santos (*ibidem*) é a mais-valia universal, o lucro. Antes, cada sociedade

tinha um funcionamento e um motor, algo a lhe mover. Hoje, a ideia de lucro, através da mais-valia, tornou-se universal, seguida em todo o mundo, movendo o sistema.

## 2.2 Um esforço teórico

Uma vez apresentado o período a que se refere o trabalho, ressaltamos que o método escolhido, o materialismo histórico-dialético, é fundamental para a compreensão do objeto concreto de estudo, pois Paulo Netto (2011) ao apresentá-lo, afirma:

Uma teoria social [...] portanto, tem que possuir como fundamento a análise teórica da produção das condições materiais da vida social. Este ponto de partida não expressa um juízo ou uma preferência pessoais do pesquisador: ele é uma exigência que decorre do próprio objeto de pesquisa - sua estrutura e dinâmica só serão reproduzidas com veracidade no plano ideal a partir desse fundamento; o pesquisador só será fiel ao objeto se atender a tal imperativo. (PAULO NETTO, 2015, p. 40)

Assim sendo, esse trabalho parte das condições materiais, concretas do objeto em análise, tanto em sua escala local, como na estrutura global a que se insere. Os conceitos e análises realizadas na pesquisa buscam construir conhecimento a partir do concreto, da base técnica que possibilita sua existência e ação.

Considerando também que essa pesquisa se realizou no âmbito da geografia econômica, pois ao estudar o uso do território nacional por uma empresa transnacional, estudamos a relação existente entre as atividades econômicas da sociedade e o espaço geográfico, relação que envolve interesses diferentes, que são, por sua vez, geradores de conflitos territoriais. E é justamente o estudo da relação entre as atividades econômicas e o espaço que, segundo Méndez (1997), caracteriza a geografia econômica: “[...] cualquiera que sea la forma concreta en que se exprese, parece existir un acuerdo bastante generalizado en identificar la geografía económica con el estudio de las interrelaciones dialécticas existentes entre la actividad económica y el espacio [...]” (MÉNDEZ, 1997, p. 5).

Ainda segundo esse autor, a fase atual da geografia econômica é caracterizada pelo estudo dos sistemas econômicos ou “geografia do capitalismo”, considerando que o mundo atual é globalizado e cada ação depende e influencia outras mundo afora. Assim sendo, este trabalho considerou a contribuição de

Harvey (2012), que em sua obra *Condição pós moderna* caracteriza o sistema em que vivemos e que facilitará nossa compreensão de como a empresa Unifi do Brasil nele se integra e participa.

Nessa obra Harvey vai apresentar a teoria de que o sistema capitalista está passando por uma transição, e que isto ocorre através da forma como a produção está organizada. Diversos aspectos da produção são analisados neste livro, como o trabalho, a relação com o Estado, com o espaço, etc., e, para cada aspecto, é apontado características do antigo capitalismo, chamado também de “produção fordista”, e do novo capitalismo, ou a “produção just-in-time”.

Essa análise de Harvey vai ao encontro da de Milton Santos, que ainda será abordada aqui, acerca dos Circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. As características do novo capitalismo, de produção flexível, coincidem com a forma de produção e organização espacial das empresas do circuito superior da economia.

Considerando também que o estudo de caso específico realizado é de uma empresa têxtil, foi necessário recorrer a obra de Fugita e Jorente (2015), para conhecermos melhor a trajetória da indústria têxtil no Brasil, bem como os desafios que se apresentam atualmente para este setor.

A trajetória histórica e cultural do setor têxtil e de confecção brasileiro demonstra que existiu e ainda existe um processo de mudança. Com a liberação comercial, que trouxe a globalização do mercado doméstico, o setor sofreu um choque estrutural; juntamente a isso, o Brasil vive uma invasão de produtos importados asiáticos. (FUGITA, JORENTE, 2015. p. 156)

Um ponto importante ressaltado pelas autoras é a abertura do Brasil ao mercado externo, característica comum do capitalismo atual, que trouxe e traz sérias consequências para a economia nacional:

A globalização nos anos 90 foi um desafio para o Brasil. Se de um lado tal processo foi benéfico no ponto de vista da abertura econômica, o planejamento para abarcar com as mudanças advindas da globalização revelou-se fragilizado. A necessidade no Brasil não se resume somente a produtos mais sofisticados preparados para o consumo, mas também na apreensão de conhecimento e tecnologia para o fortalecimento da Indústria frente à competitividade externa. (Ibidem, p. 172 e 173)

E é justamente quanto à competitividade externa que devemos nos atentar na pesquisa, uma vez que a empresa a ser estudada se trata de uma transnacional,



cuja sede está localizada nos Estados Unidos da América, para podermos compreender em que momento e porque foi possível a sua instalação no Brasil e, mais especificamente, em Alfenas-MG.

Ainda nesse tema, o artigo *Transformações da Indústria Têxtil Brasileira: A Transição para a Modernização*, de Anita Kon e Durval Calegari Coan, doutora e mestre em Economia, respectivamente, publicado na revista *Revista de Economia Mackenzie*, em 2005, muito contribuiu para a compreensão do contexto econômico e político pelo qual passava o País na década da chegada da Unifi no Brasil, dentro do movimento analisado pelos autores.

Esses autores asseguram que a estagnação econômica pela qual passou o Brasil nos anos de 1980 refletiu no pouco investimento em tecnologias nos setores industriais, especialmente da indústria têxtil. Isso gerou o que se chama em economia de *gap*, uma lacuna, entre a capacidade tecnológica de nossos parques fabris e os do mundo, especialmente dos países asiáticos.

Além disso, com a crise monetária do país ao final dessa década e início dos anos de 1990, o Brasil optou por medidas de aproximação do liberalismo econômico, com diminuição ou retirada das barreiras protecionistas, como uma alternativa de facilitar a importação, abrir concorrência com o mercado interno e segurar a inflação, que estava descontrolada.

Essas medidas, segundo Kon e Coan (2005), não levaram em conta a condição da indústria têxtil nacional, e não se preparou um plano para essa abertura. Com a chegada dos importados, somada a crises de matéria-prima interna, o setor não resistiu ao processo, em que inúmeras fábricas fecharam ou faliram.

Dessa forma, o parque industrial têxtil brasileiro, bastante sucateado, não tinha estrutura para enfrentar a concorrência dos produtos importados, o que nos anos 1990 resultaria no fechamento de muitas unidades fabris, principalmente no setor de tecidos artificiais e sintéticos, cujo pólo têxtil inclui os municípios de Americana, Santa Bárbara, Nova Odessa e Sumaré, no Estado de São Paulo, como responsável por 85% da produção nacional. (KON e COAN, 2005, p. 14 e 15).

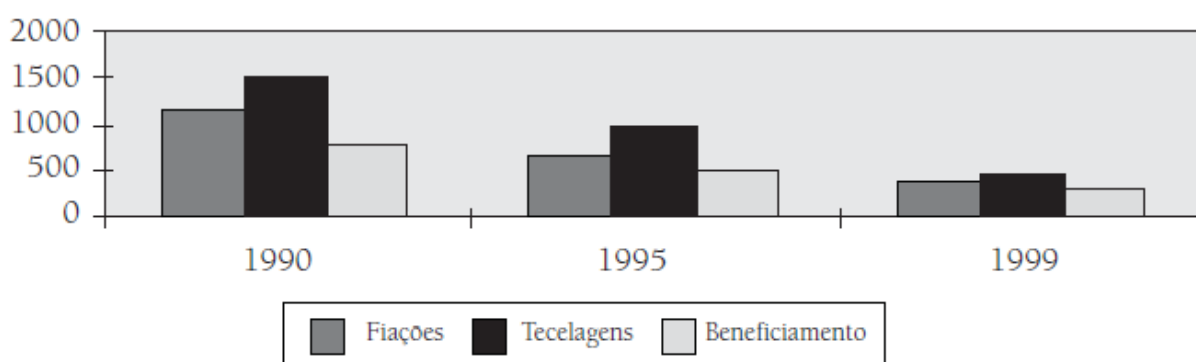
Isso gerou um espaço no mercado brasileiro para a instalação de indústrias multinacionais, que importariam tecnologia avançada, para um mercado ainda pouco explorado pelo capital estrangeiro.

Esse fato é uma característica importante desta indústria no Brasil, que deve ser levada em conta para a análise do impacto do processo de abertura comercial dos anos 1990, pois gerou dois problemas

para o setor. Primeiramente, as empresas multinacionais adotaram as estratégias e diretrizes de suas matrizes e, como fornecedoras de insumos, não puderam produzir com as mesmas estratégias que foram criadas pela indústria têxtil brasileira, na revisão de produto e de processo, tornando tênue este elo da cadeia produtiva (HAGUENAUER et al., 2001), o que resultou no grande volume de importação desses insumos. (Ibidem, p. 25).

Segundo os autores, essa conjuntura refletiu em um outro processo, o de concentração industrial nos setores de fiação, tecelagem e beneficiamento, uma vez que pequenas e médias empresas foram compradas por outras maiores. Isso se vê na diminuição de unidades produtivas no período (década de 1990), conforme o gráfico 1 apresenta.

Gráfico 1 - Concentração industrial (têxtil) no Brasil na década de 1990



Fonte: IEMI – Instituto de Estudos e Marketing Industrial (Ibidem, p. 24).

Todas essas questões se verificam no caso concreto em que estamos trabalhando e será possível ver melhor análise nos capítulos seguintes, ao tratarmos da história e estratégia da empresa Unifi.

Também recorremos à dissertação *Industrialização de Minas Gerais: Uma Análise Regional da Indústria Manufatureira e Fabril entre os anos de 1907 e 1954*, de Carolina Rocha Batista, na conclusão de seu mestrado em Economia e Desenvolvimento, em 2021. No trabalho, Batista faz uma análise histórica do processo de industrialização em Minas Gerais, apontando segmentos e regiões do estado que mais se desenvolveram no período analisado. É certo considerarmos que o Brasil já vivia um processo de industrialização, mesmo que fabril e manufatureiro, pois ao tomarmos o estado de Minas Gerais, como exemplo, em 1907 já se registravam 528 estabelecimentos fabris.

Para encerrar a compreensão da temática industrial, não poderíamos deixar de recorrer ao geógrafo Armen Mamigonian, que foi pioneiro no estudo da industrialização dentro da Ciência geográfica. No artigo *O Processo de Industrialização em São Paulo*, publicado em 1976, no Boletim Paulista de Geografia, Mamigonian nos apresenta teoricamente o início da industrialização no Brasil, se valendo de teorias debatidas na época, bem como analisando a chegada de capital estrangeiro no País, e as consequências desse processo.

Mamigonian (1976) afirma que o processo de entrada de corporações estrangeiras se deu quase junto ao movimento desenvolvimentista dos anos 1950, quando o mercado interno brasileiro se constituiu e se tornou atraente. Segundo ele, o tímido processo de industrialização pelo qual passou o País antes desse período também favoreceu o capital estrangeiro, dando as condições de instalação das corporações externas, que aproveitaram as infraestruturas e pequenas peças já produzidas nacionalmente.

Além disso, o autor traz uma afirmação interessante sobre a organização espacial das indústrias nessa época:

No Brasil, tomando o caso extremo da metrópole paulistana, deve-se notar que, além de registrar 756 mil pessoas ocupadas na indústria em 1965, controlava em 1962 outros 133 mil assalariados em filiais localizadas fora do aglomerado, os quais estavam em maioria (99.600) no próprio estado de São Paulo e *zona de influência regional (sul de Minas Gerais, Centro-Oeste e norte do Paraná)*, em particular nas cidades-satélites do complexo industrial (Campinas, Sorocaba, São José dos Campos, etc ), mas se estendiam também no restante do Sudeste (16, 340 dos quais 48 % na Guanabara), Sul (11.260), Nordeste (5.890) e Amazônia (200), conforme apontou R . LOBATO CORRÊA (1968, p . 59). (IBIDEM, p. 98, grifos nossos).

Essa forma de organização espacial coincide ainda hoje com a organização realizada pela Unifi no Brasil, uma vez que sua sede administrativa está em São Paulo-SP, e demais escritórios em outras cidades, como sua sede produtiva em Alfenas-MG.

Desse modo, fica também evidente a posição de São Paulo-SP como uma cidade global, exercendo influência nas demais cidades da região e até do país, numa relação de solidariedade vertical. A escolha das empresas estrangeiras por São Paulo, para sua sede, exemplifica como suas condições técnicas (tecnosfera) estão mais avançadas que no restante do território.

### 2.3 Universo conceitual de Milton Santos

Como nosso tema explicitou, buscamos, ao longo da pesquisa, estudar o uso do território brasileiro pela referida empresa, utilizando, portanto, o pensamento da Geografia Nova, teorizada principalmente por Milton Santos. Para ele, a categoria de território usado pode ser tomada como sinônimo de espaço geográfico, compreendendo que esse último é uma categoria de análise, portanto filosófico, abstrato, sendo sua realização real e histórica o território usado.

O território não é uma categoria de análise, a categoria de análise é o território usado. Ou seja, para que o território se torne uma categoria de análise dentro das ciências sociais e com vistas à produção de projetos, isto é, com vistas à política, com “P” maiúsculo, deve-se tomá-lo como território usado.

[...] O que há na realidade é relação sociedade e sociedade enquanto território, sociedade enquanto espaço. O território não pode ser uma categoria de análise, tem de ser considerado território usado. (SANTOS, 1999, p. 18).

Para Santos (IBIDEM), considerar o território como território usado permite considerar as mudanças, os processos, e nos fazem refletir acerca das formas de uso e de quem os usa. O território é normado, regulamentado, para determinados usos, em detrimento de outros. Há uma organização do território para um tipo de uso, especialmente o feito pelas grandes empresas, e uma desorganização do restante do território para os demais usos de seus cidadãos.

Uma perspectiva do *território usado* conduz à ideia de *espaço banal*, o espaço de todos, todo o espaço. Trata-se do espaço de todos os homens, não importa suas diferenças [...]. Esse é o espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social. É uma visão que incorpora o movimento do todo, permitindo enfrentar corretamente a tarefa da análise. Com as noções de *território usado* e de *espaço banal*, saltam aos olhos os temas que o real nos impõe como objeto de pesquisa e intervenção. (SANTOS et al, 2000, p. 2 e 3, grifos originais).

Percebemos que há uma preocupação para além do conceito, como uma questão de método, a ser orientador da pesquisa científica na Geografia. Esse trabalho busca partir dessa categoria de análise, para compreender o objeto de estudo a partir do uso feito por ele do território. Avançando nesse sentido, Santos e Silveira (2006) dão mais definições dessa categoria:

O uso do território pode ser definido pela implantação de infra-estrutura, para as quais estamos igualmente utilizando a

denominação *Sistemas de engenharia*, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico (Santos, 1987; Silveira, 1997). (p. 11)

Assim, o uso do território se dá em todas as ações humanas, desde a moradia, trabalho e lazer. O uso dos equipamentos públicos é igualmente uso do território. Podemos entender assim que a garantia dos direitos básicos a uma vida digna, como acesso à saúde, educação, trabalho, lazer, vias públicas, mobilidade, etc, constituem uso do território, e também cidadania. Esse uso, direito de todos, é o que Santos et al (2000) conceitua como território usado como abrigo, espaço banal, onde a vida cotidiana se dá. É o território normado, regulado pela nação e pelos interesses dos cidadãos.

Porém, em oposição a esse uso, há aquele feito pelas empresas e grandes corporações, especialmente estrangeiras, que não consideram o interesse local, os direitos dos que lá vivem, e por vezes pressionam o Estado a modificar as suas normas para atendê-las. Se o território usado como abrigo se pauta pelo direito à vida digna de todos os cidadãos, o território usado pelas empresas se pauta pelo interesse de lucro, colocando o dinheiro no centro, e não mais o ser humano. O território passa a ser moeda de troca, podendo ser comprado, vendido, conquistado, e usado como melhor lhe favorecer. É o território como recurso.

Para os atores hegemônicos o *território usado* é um recurso, garantia da realização de seus interesses particulares. Desse modo, o rebatimento de suas ações conduz a uma constante adaptação de seu uso, com adição de uma materialidade funcional ao exercício das atividades exógenas ao lugar, aprofundando a divisão social e territorial do trabalho, mediante a seletividade dos investimentos econômicos que gera um uso corporativo do território. (IBIDEM, p. 12, grifos originais).

Essa seletividade dos investimentos é realizada, sobretudo, pelo Estado, que deveria, a partir da normatização, zelar pelo território como abrigo, direito inalienável do indivíduo, necessário à sua existência, como nos afirma Maria Adélia A. Souza (2021). Porém, ao atender aos interesses dos atores hegemônicos, personificados nas grandes empresas, o Estado permite esse uso, sendo seletivo nos

investimentos, garantindo a melhor adaptação ao uso que as empresas desejam fazer.

Antes de prosseguirmos, destacamos que essa forma de uso, como recurso, por empresas, foi analisada também por Lídia Lúcia Antongiovanni (2006), ao estudar em seu doutorado os usos do território no norte do Espírito Santo. Antongiovanni (Ibidem) ao analisar o caso da empresa Aracruz Celulose, afirma que esse projeto hegemônico de uso não se restringe a uma só empresa, mas “está no escopo das políticas das corporações no período da globalização neoliberal” (p. 88).

No caso do segmento têxtil, o artigo de Ana Paula Mestre e Adriana M. Bernardes da Silva (2011), aponta que na cidade de Americana-SP (onde a Unifi possui um escritório de venda), a abertura comercial dos anos de 1990 ocasionou uma mudança nos usos do território da cidade, onde parte considerável da economia urbana está voltada para atividades da indústria têxtil. Mestre e Silva (Ibidem) afirmam que as pequenas tecelagens, historicamente presentes na cidade, realizavam um uso do território que servia como abrigo aos cidadãos. A chegada de empresas estrangeiras, obedientes aos interesses globais, destruiu as antigas solidariedades, criando uma nova lógica vertical, e um uso como recurso do território.

Também utilizamos para a realização da pesquisa outros conceitos propostos por Milton Santos, para assim manter fidelidade ao método por ele teorizado. Em sua obra *O Espaço Dividido*, Santos (2004) nos oferece a teoria dos dois circuitos da economia urbana, existente nos países subdesenvolvidos, apontando a relação de conflito entre eles e diferenciando os atores do circuito inferior e os do circuito superior.

Para ele, a maneira como a modernização, ou modernizações, aconteceram, partindo de alguns países, tornados centrais, gerou a formação desses dois circuitos. Um moderno, ligado ao capital hegemônico nos países polos da tecnologia; outro como uma resistência dos lugares e pessoas que não podem acessar essas modernizações: respectivamente, circuito superior e circuito inferior. Assim, esses dois circuitos se interagem, pois para acessar o mercado nos países subdesenvolvidos, o circuito superior precisa do inferior, que dele recebe parcialmente as modernizações.

Além disso, outra diferenciação proposta por Santos (2013) é a dos espaços luminosos e opacos, que se encaixam perfeitamente nas diferenciações citadas

acima. O território como abrigo, o espaço dos cidadãos, que por falta de interesse do capital e dos Estados, acaba se tornando apenas espaço do “fazer”, sem muita tecnologia, sem objetos modernos, é o que se constitui espaços opacos. O território das empresas, especialmente as do circuito superior, é o território como recurso, dotado do que Santos (Ibidem) chama de tecnosfera e psicosfera, alta densidade técnica material, e capacidade formada e cultural para recebê-la, respectivamente, e por consequência, formam espaços luminosos, fluidos. Isso porque o interesse pelo dinheiro e pelo lucro leva Estados e corporações a investir tecnologias, pois quanto mais técnico, mais rápido, maior o lucro. Esse também é o espaço do “mandar”, de onde vêm as decisões e normas, via de regra para territórios distantes, e igualmente distante dos interesses desses últimos.

Utilizamos também as categorias de forma, função, estrutura e processo, propostos por Santos (2014), na obra *Espaço e Método*, para melhor analisar e compreender o espaço geográfico, esse conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, onde cada objeto (fixo) exerce uma ação (fluxo), sendo portador de uma forma, capaz de realizar uma função, integrado na estrutura social do tempo (processo) presente. Todo esse arcabouço teórico, rico de conceitos, só pode ser utilizado em conjunto, pois são abstrações do real e, portanto, indissociáveis:

Seria errôneo supor que o trabalho de um espaço deva ser estudado apenas através de um desses conceitos, seja ele a forma, função, processo ou estrutura, isoladamente. Na verdade, a interpretação de uma realidade espacial ou de sua evolução só se torna possível mediante uma análise que combine as quatro categorias analíticas, porquanto seu relacionamento é não apenas funcional, mas também estrutural. (IBIDEM. p. 77)

Assim, o universo conceitual de Milton Santos, apresentado parcialmente aqui, constitui um verdadeiro método, um sistema coerente de ideias. Unindo esses conceitos, ao que já foi apresentado de outros autores, numa análise crítica do objeto concreto, será possível analisar essa relação dialética entre espaço e economia, no período histórico que estamos, da globalização, ou meio técnico-científico-informacional.

E é exatamente a partir da globalização, que foi possível ao grande capital, os atores hegemônicos, a utilização dos mais diversos territórios, a partir de suas

normas e segundo os seus interesses. Santos (2017), define, portanto, que o território se tornou o espaço nacional da economia internacional:

Agora, os atores hegemônicos, armados com uma informação adequada, servem-se de todas as redes e se utilizam de todos os territórios. Eles preferem o espaço reticular, mas sua influência alcança também os espaços banais mais escondidos. Eis porque os territórios nacionais se transformam *num espaço nacional da economia internacional* e os sistemas de engenharia mais modernos, criados em cada país, são mais bem utilizados por firmas transnacionais que pela própria sociedade nacional. (IBIDEM, p. 243 e 244. Grifos originais)

A transformação do território nacional em espaço da economia internacional não se dá apenas pelo uso consumado, mas nas normas legais e infraestruturas prévias que se organizam sob medida, pelo Estado, como se essas firmas fossem mais importantes que os próprios cidadãos.

Assim, ainda embasado no pensamento miltoniano, especialmente no proposto na obra *Por uma outra Globalização*, de 2000, que assevera não haver um único caminho, ou uma única possibilidade histórica. Há sempre outra alternativa, outra possibilidade, especialmente quando os cidadãos participam de maneira ativa, tomando parte nas decisões.



### 3 UNIFI DO BRASIL: FENÔMENO E ESSÊNCIA

Para Marx e Engels (2007, apud PAULO NETTO, 2015), a investigação científica não deve partir e se embasar na análise fenomenológica do objeto de estudo, ou seja, daquilo que se apresenta visível, perceptível, mas da análise do objeto em si, o seu ser real, compreendido através do seu processo histórico de vida. Não se trata daquilo que se apresenta, ou daquilo que se diz crer, como a ideologia seguida pelos atores, mas das reais condições materiais de vida que possibilitaram essa ideologia. Indo mais a fundo, Marx vai chamar essa aparência fenomênica de *forma*, enquanto reserva os conceitos de *estrutura* e dinâmica (*processo*) para a essência do objeto (PAULO NETTO, 2015).

Em concordância com esses pressupostos, Santos (2014) formula que o espaço geográfico é uma totalidade, composta de partes, expressas por ele através de conceitos, que devem ser analisadas em conjunto, e nunca separadas. Tais partes são definidas como *forma*, *função*, *estrutura*, e *processo*. Vemos, portanto, que não se deve tomar apenas a forma de algo (objeto) como sua definição, o que seria tomar a aparência, fenômeno, como sendo o real, e sim o seu conjunto, de forma, função e estrutura, dentro de um processo histórico. Assim, portanto, é possível elaborar um conhecimento do objeto sem mutilá-lo, respeitando o método de abordagem escolhido.

Na continuidade desse pensamento, Marx e Engels (2007, apud PAULO NETTO, 2015, p. 31) afirmam que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. De modo que não é a ideologia que governa o processo histórico, mas as condições materiais e técnicas que possibilitam a ideologia. Assim, em nosso caso concreto, não se trata de buscar a ideologia que permitiu ou inspirou os atores da política nacional a abrir o território para a economia internacional, e nem das ideologias da Unifi que a inspirou a se instalar em Alfenas-MG. Trata-se, antes, das condições materiais e técnicas, que no momento histórico dos anos de 1990, permitiram essa abertura e essas escolhas, e que justificam, ou condicionaram, tais decisões.

### 3.1 A Unifi enquanto estrutura e processo

Ao olhar o espaço como totalidade, necessário se faz analisar o processo e a estrutura, para chegarmos na forma e na função, especialmente na escala local, onde o todo é tomado na parte, analiticamente, antes de ser tomado no todo novamente para a síntese. A estrutura do espaço mundial, no final do século XX, estava marcada pelas rápidas transformações do modo de produção capitalista, num contexto de disputa da recém terminada Guerra Fria. Os objetos técnicos aumentaram em número, como também na qualidade e racionalização. A globalização se intensificava.

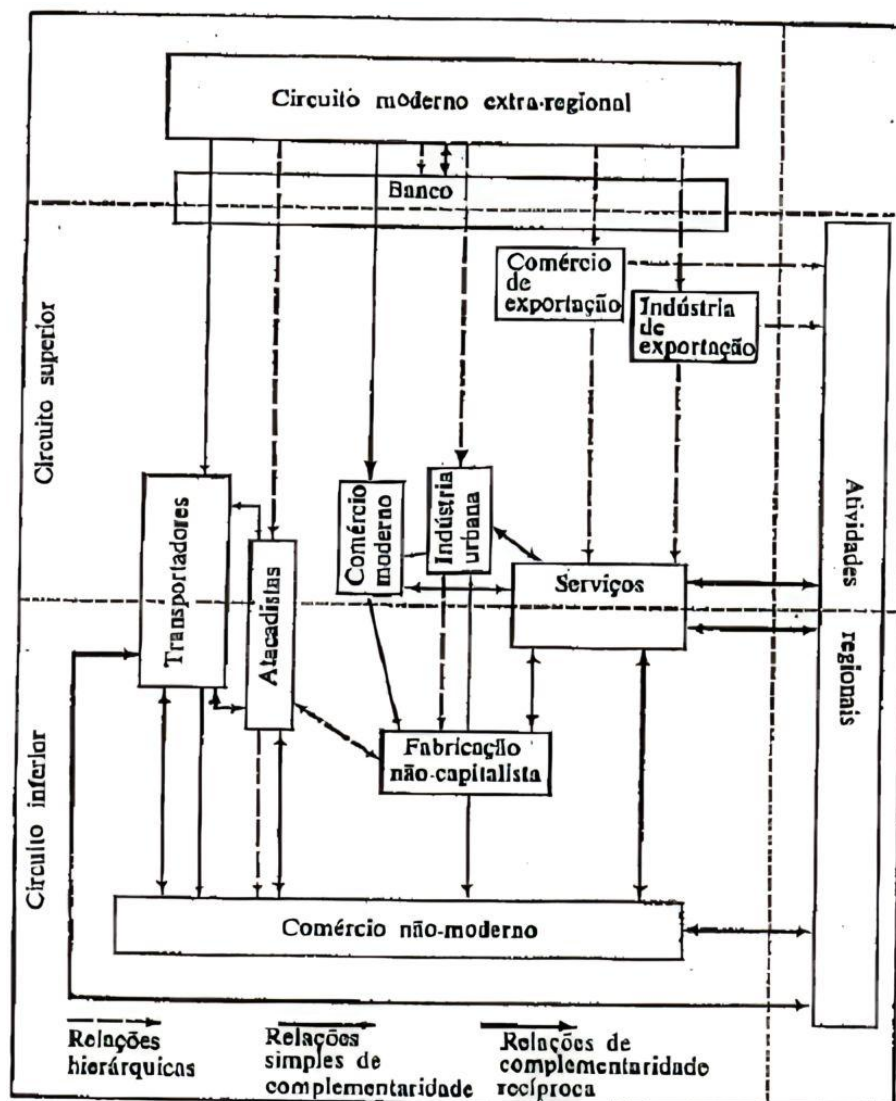
As condições técnicas, a partir dos países centrais do sistema, aqueles tidos como modernos, por terem acessado primeiro as técnicas e tecnologias mais desenvolvidas, possibilitaram a emergência de um novo período, o do meio técnico-científico-informacional. As condições materiais desse período permitem que em toda parte - onde se possa pagar para isso ou onde haja interesse do capital hegemônico - se acesse a mais desenvolvida técnica, o que Santos (2000) vai chamar de unicidade da técnica. Esse conceito traz por consequência um outro aspecto dessa realidade, a convergência dos momentos. Em todos os lugares, tendo em mãos os meios técnicos disponíveis, é possível saber e participar do mundo, agora globalizado.

Porém, como afirmamos, essas modernizações não atingem a todos ao mesmo tempo e da mesma forma, pois uns países desse sistema são mais centrais, pólos de difusão da técnica, enquanto outros, periféricos, participam desse sistema na medida da necessidade dos primeiros, numa relação vertical. Para Santos (2004), essa fragmentação vai gerar nos países subdesenvolvidos dois circuitos da economia urbana. Um Circuito Superior, ligados diretamente a essas modernizações dos pólos, e um Circuito Inferior, que participa parcialmente desse processo. Essa teoria pode ser melhor observada na figura 1.

Na figura, vemos que os bancos pertencem ao circuito superior, com forte papel no controle do crédito, além da indústria, comércio e serviços modernos. Eles mantêm relação hierárquica com os bancos, mas também de complementaridade entre si. No circuito inferior estão as fábricas que não usam capital intensivo, o comércio e os serviços não-modernos. Realizam ações de complementaridade entre si, e são intermediadas com o circuito superior, em relação hierárquica. Os

atacadistas e as transportadoras fazem essa intermediação entre as atividades dos dois circuitos, em escala local e regional.

Figura 1 - Os elementos dos dois circuitos



Fonte: Santos (Ibidem, p. 40).

É, pois, essa a estrutura em que se está inserida nosso objeto de pesquisa, que optamos por trazer como um caso concreto, por fidelidade ao método que escolhemos. O caso em questão é o da multinacional Unifi, que em nosso País assumiu o nome *Unifi do Brasil Ltda.* Quanto ao seu processo (histórico), analisaremos da sua constituição, no país de origem, à sua instalação e funcionamento no Brasil. Ela se encaixa no circuito superior da economia urbana, mesmo tendo alguns aspectos destoantes, o que, para Santos (Ibidem), é comum acontecer.

A empresa Unifi Brasil é produtora de fios de poliéster. É originalmente estadunidense, embora em seu site para o Brasil essa informação não seja explícita, aparecendo apenas como “Unifi Brasil”.

A referida empresa foi fundada por George Allen Mebane em 1971, nos Estados Unidos da América, tendo sua sede principal, em 2023, na cidade de Greensboro, na Carolina do Norte. De acordo com seu site oficial, após a abertura da China para a economia externa, a empresa também realizou investimentos no país, tendo presença hoje na América do Norte, Central e Sul, além de Ásia, Europa e Oriente Médio. Já em seu site brasileiro, a Unifi diz atender o mercado nacional desde 1999, com um “parque fabril de última geração” em Alfenas, localizado no distrito industrial da cidade (figura 2). Outras unidades produtivas estão nos EUA, El Salvador e Colômbia.

Figura 2 - Unifi em Alfenas-MG por satélite, em 2023.



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor, 2023.

A empresa, quando chegou no Brasil, comprou duas plantas fabris que pertenciam a outras indústrias têxteis, sendo uma em São Paulo e outra em Alfenas. A de São Paulo era uma planta antiga com maquinários antigos, mas a de Alfenas, embora também fosse de maquinários antigos, contava com uma planta nova. Assim, optou-se por instalar a produção em Alfenas, onde se renovaria apenas o

maquinário, enquanto a de São Paulo foi fechada<sup>2</sup>. A antiga empresa, em Alfenas, era alemã, a Fairway, e construiu a planta da fábrica, tendo operado de 1997 a 1999. Em 1999 a Unifi comprou e renovou o maquinário. Atualmente, além do terreno contínuo ocupado, a empresa também possui um outro terreno, que na imagem está destacado na cor laranja, a Nordeste, separado apenas pela Avenida Alberto Vieira Romão.

Dando sequência nesse estudo de estrutura, cabe ressaltar que Santos (Ibidem) afirma que as diferenças principais entre os dois circuitos estão na tecnologia, na organização, no tipo de capital utilizado, nas formas de emprego, na relação com o poder público, entre outros.. O quadro 1 exemplifica as diferenças principais.

Assim, a primeira característica que analisamos é o uso de tecnologia:

O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia “capital intensivo”, enquanto no circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo” e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada. O primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe de um potencial de criação considerável. (SANTOS, 2004, p. 43)

Nessa primeira característica apontada por nosso autor, já percebemos que a empresa é do circuito superior, pois ao visitar a fábrica, em um vídeo institucional, a empresa afirma-se como de presença global com soluções inovadoras e competitivas, sendo fundamental que todas as suas plantas utilizem o que há de mais avançado em tecnologias de produção e capacitação profissional em todos os processos.

Notamos também na visita a grande quantidade e qualidade de maquinários, e não muitos funcionários operando a produção. As áreas de produção são climatizadas, com controle de temperatura e umidade. Contam com máquinas de alta capacidade produtiva, e oferecem suporte técnico ao cliente no pré e pós venda. Tem foco em pesquisas e desenvolvimento de novas tecnologias, com logística flexível. Realizam no Brasil a texturização por falsa torção, recobrimento de elastano e texturização a ar. As máquinas monitoram os processos e elas mesmas descartam um produto que saiu do padrão exigido, pois funcionam sozinhas. O funcionário apenas monitora caso algo saia do esperado. Tudo é automatizado e há computadores que indicam os problemas ocorridos.

---

<sup>2</sup> As demais razões da escolha da localização serão melhor abordadas no capítulo 4.

Quadro 1 - Características dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos.

|                                | <b>Circuito Superior</b>  | <b>Circuito Inferior</b>  |
|--------------------------------|---|---|
| Tecnologia                     | capital intensivo   | trabalho intensivo  |
| Organização                    | burocrática   | primitiva   |
| Capitais                       | importantes   | reduzidos   |
| Emprego                        | reduzido  | volumoso  |
| Assalariado                    | dominante   | não-obrigatório   |
| Estoques                       | grande quantidade e/ou alta qualidade   | pequena quantidade qualidade inferior                                 |
| Preços                         | fixos (em geral)  | submetidos à discussão entre comprador e vendedor ( <i>haggling</i> ) |
| Crédito                        | bancário institucional  | pessoal não-institucional   |
| Margem de lucro                | reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo) | elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios     |
| Relações com a clientela       | impessoais e/ou com papéis  | diretas, personalizadas   |
| Custos fixos                   | importantes   | desprezíveis  |
| Publicidade                    | necessária  | nula  |
| Reutilização dos bens          | nula  | frequente   |
| <i>Overhead capital</i>        | indispensável   | dispensável   |
| Ajuda governamental            | importante  | nula ou quase nula  |
| Dependência direta do exterior | grande, atividade voltada para o exterior   | reduzida ou quase nula  |

Fonte: Santos (Ibidem, p. 44)

Esse aspecto de capital intensivo e pouca mão-de-obra também foi ressaltado pelo ex-prefeito de Alfenas, Pompílio Canavez, que nos informou que a empresa trouxe poucos empregos relativos para a cidade: “A Unifi é uma indústria moderna, ela é muito automatizada, e necessita de pouca mão-de-obra. A mão humana é necessária, mas não tanto, [...] ainda mais agora que a tecnologia evoluiu”.

Outro ponto é que sua atividade é baseada na publicidade, e não no contato direto com o consumidor, sendo capaz, portanto de “modificar os gostos e definir o



perfil da demanda” (Ibidem), como vemos nessa afirmação do site internacional da Unifi:

Na década de 1980, a chamada ‘moda do poliéster’ estava diminuindo. E a Guerra do Vietnã e suas consequências complicaram as operações. Então, o que nós fizemos? Dobramos tudo em tecnologia mais avançada. A aposta valeu a pena quando o mercado descobriu novos usos para o poliéster e o náilon. Nosso negócio voltou com força total. (UNIFI, 2020).

A partir desse conteúdo extraído do site da empresa, em que ela aponta ter investido em tecnologia avançada mesmo sem demanda, é possível ainda fazer outra caracterização que a coloca no circuito superior, pois, para Santos:

O funcionamento do circuito superior está baseado nas necessidades de uma produção ‘capital intensivo’ local ou exógena. O consumo, ligado ao poder de compra, é seletivo, mas as firmas do circuito superior dispõem de meios de publicidade suficientes para criar novos gostos e para atrair a clientela, ou seja, elas impõem a demanda. O circuito inferior, ao contrário, apóia-se no consumo; ele resulta da demanda, mesmo que esta esteja deformada pelo efeito-demonstração. (Ibidem. p. 47).

Outra imposição de demanda, que vem sendo imposta pelo mercado internacional, e que a Unifi tem apresentado em material publicitário, como em seu site principal, são os fios *Repreve*, uma nova marca da empresa, que são fabricados a partir de material reciclável, como a garrafa pet. De acordo com a empresa, diversas marcas conhecidas mundialmente já utilizam seus fios *Repreve*, e que eles atendem aos critérios técnicos exigidos para as mais variadas aplicações têxteis.

Em relação aos volumes de mercadoria, o circuito superior movimenta, segundo Santos (Ibidem), uma grande quantidade, enquanto o inferior fabrica e comercializa pequenas quantidades. A Unifi afirma produzir mais de 100 toneladas de fios por dia, com potencial para produzir mais de seis mil toneladas por mês. Além disso, o circuito superior pode produzir em pequenas quantidades, quando se trata de um produto muito específico, de alto valor, para uma determinada clientela. Isso também se verifica na Unifi, que afirma ter o fio mais caro do mercado, pois garantem qualidade, e não preço. Tem atualmente mais de mil clientes no Brasil, especialmente montadoras de carros, para o revestimento interior, de todas as marcas japonesas, por exemplo, além de outros modelos de veículos, como Uno, Jeep, Onix, Creta, Corolla. A Toyota e a Hyundai têm receitas exclusivas de fios, que só podem ser vendidos para eles. Algumas empresas da região são clientes, como a

Paraguaçu Têxtil, por exemplo, que fabrica ternos. Nos tipos de fios produzidos, há tecnologias que se somam, como sensibilidade ao toque e fios anti-chamas, por exemplo.

Esse último tópico, sobre volumes, está ligado à organização, pois Santos (Ibidem) assevera que grandes volumes ou tipos específicos e de alto custo de determinadas categorias exigem alto volumes de capital e de tecnologia, o que demanda organização burocrática. A empresa, por exemplo, segue rigorosos critérios para a produção, afirmando possuir certificados ISO, que garantem o cumprimento de determinadas práticas, além de receber auditorias de empresas clientes, que exigem conhecer o processo antes de decidir pela compra. A Unifi garante haver controle de qualidade na fábrica inteira, desde o laboratório até os processos de escolha dos equipamentos.

No critério de emprego e assalariamento, a Unifi também se adequa ao circuito superior, pois emprega atualmente (2023) 683 pessoas no Brasil, valor considerável para uma cidade média em uma só empresa, mas que, como comenta o ex-prefeito Canavez, oferece baixos salários, sendo que para serviços de entrada o mínimo praticado no país, segundo ex-funcionário entrevistado, e no panorama econômico local, é superada em quantidade de postos de trabalho pelo comércio e serviços. Esses últimos, apesar de oferecerem poucas vagas por estabelecimento, oferecem a maior parte dos empregos urbanos, conforme se verifica nessa afirmação:

A média de ocupados por unidade de produção é baixa; mas, em compensação, o número global de pessoas ocupadas é considerável. Esse circuito [inferior] é o verdadeiro fornecedor de ocupação para a população pobre da cidade e os migrantes sem qualificação. Tudo isso está ligado às condições tecnológicas e financeiras das atividades desse setor e a suas relações com o conjunto da economia urbana. (Ibidem, p. 45).

Santos (ibidem) também afirma que no circuito superior os empregos podem ser destinados aos estrangeiros, a depender do nível de industrialização do país. Nesse caso, verificamos na empresa que os empregos são, atualmente, para nacionais, e que apenas no início das operações no Brasil é que demandaram mão-de-obra estrangeira.

Quanto à margem de lucro, a empresa se adequa perfeitamente nos critérios apresentados no quadro 1 para o circuito superior, em que os ganhos são



provenientes da grande quantidade, ou dos fios de luxo fabricados, e não tanto por unidades produzidas, como ocorreria numa confecção artesanal pertencente ao circuito inferior por definição. Isso se deve também aos custos fixos, que em nosso caso concreto é considerável, seja na manutenção dos postos de trabalho e consequentes formações, como do maquinário e suas tecnologias, que são substituídas com determinada frequência. Além disso, a destinação do lucro é para a continuidade da atividade e para expansão, não se destinando à subsistência imediata do trabalhador, como ocorre no circuito inferior.

Em relação a reutilização dos bens de consumo duráveis, a Unifi também não o faz, conforme verificado na empresa, descartando os maquinários trocados, destruindo suas peças, como forma de estratégia, e que será melhor trabalhado no capítulo quarto desse trabalho. Porém, há o reuso de porcentagem dos restos da produção para a fabricação dos fios Repreve. Mas isso se dá a uma tentativa de inserção na narrativa ambiental<sup>3</sup> atual, e não ao modo de produção propriamente dito.

Outros pontos também são igualmente verificáveis, como o fato de a atividade da Unifi, realizada localmente em seu parque de produção em Alfenas – MG, se integrar a outra localidade superior, como em sua gerência em São Paulo – SP, ou até mesmo os Estados Unidos da América, sede inicial e principal da empresa, fato que a qualifica como pertencente ao circuito superior. Como exemplo dessa relação com a sede nos EUA, a empresa nos respondeu que “a unidade brasileira está subordinada à matriz nos Estados Unidos, a qual reporta sua performance, resultados financeiros, planos estratégicos e de investimentos”.

Ainda, nessa análise, ressaltamos a importância dos incentivos estatais para a empresa, o que também faz parte das características do circuito superior. A análise mais detalhada desse processo de incentivos fiscais e a relação com o poder público serão melhor trabalhados no próximo capítulo. E, por fim, Santos (ibidem) assegura que, ao encerrar essa análise, é importante observar onde as empresas realizam suas articulações, se na própria localidade (c. inferior) ou em outras localidades e regiões (c. superior). Como já ressaltado, a Unifi se articula com outras cidades no Brasil, desde sua gerência em São Paulo-SP, como nos escritórios de

---

<sup>3</sup> Nos referimos aqui ao discurso de preocupação com as questões ambientais, que tomam grande destaque em foros internacionais, mas que não integram questões mais graves, como a desigualdade social (SOUZA, 2021).

venda, em Blumenau-SC, Americana-SP e Belo Horizonte-MG. Também se articula com o exterior, tanto para com a sede, nos EUA, como para os países de importação da matéria prima e as poucas exportações.

Seguindo em nossa análise da estrutura em que se insere nosso objeto de estudos, dentro do processo de abertura do território nacional ao capital estrangeiro, recorreremos também a análise que o geógrafo britânico David Harvey, na obra *Condição pós-moderna*, publicado em 1992<sup>4</sup>, faz do Capitalismo, separando-o em dois modelos de produção, que ele vai chamar de fordismo, em referência ao que se praticava antes dos anos 1970, especialmente antes da Segunda Grande Guerra, segundo o modelo de produção de Henry Ford; e o que ele nomeia de novo capitalismo, ou o de acumulação flexível.

Harvey (2012), utilizando a interpretação de Swyngedouw, separa as características desses dois modelos em cinco categorias, a saber:

- a) o processo de produção - Quanto a essa categoria, a empresa Unifi se adequa ao capitalismo de acumulação flexível, pois realiza produção em pequenos estoques de variedades, aguardando novas encomendas para maiores produções. O controle de qualidade é integrado ao processo produtivo, com detecção imediata ou quase imediata de erros, com rejeição, pela própria máquina das peças com defeitos. Além de aprendizagem na prática produtiva e programação de longo prazo.
- b) o trabalho - Nessa categoria também nosso objeto também se identifica com o novo capitalismo, pois os funcionários podem realizar múltiplas tarefas. Mesmo que sejam contratados para um serviço específico, podem progredir na empresa e mudar de setor. Maurício<sup>5</sup>, que nos recebeu, durante trabalho de campo, afirma já ter trabalhado em vários setores da fábrica nos 24 anos de contrato. Há longo treinamento no exercício da função, com a empresa realizando cursos que conferem diplomas. Há aprendizagem no trabalho, com ênfase na corresponsabilidade do trabalhador, como se verifica no site e nas falas internas, com discurso meritocrático. E também há maior segurança e investimentos nos trabalhadores centrais, que gozam de maiores benefícios e estabilidade.
- c) o espaço - Na categoria espacial, a empresa foge à regra, se situando mais nas características do fordismo, com divisão espacial e regional do trabalho, não

---

<sup>4</sup> A edição que utilizamos é a 23ª, de janeiro de 2012, conforme se verifica nas referências ao fim do trabalho.

<sup>5</sup> Nome fictício, para resguardar a identidade real do funcionário.

aglomerando a produção, mas dividindo as funções em países, e dentro dos países, como ocorre no Brasil, onde os departamentos de venda estão em outras localidades, separadas da produção, que também está longe da matéria prima.

d) o Estado - essa categoria, segundo Harvey (Ibidem), não se aplicaria diretamente às empresas, e sim ao modelo de Estado. No caso brasileiro, ocorre um hibridismo dos modelos, uma vez que há certa intervenção em determinadas áreas, além de empresas estratégicas serem estatais, o que configura um modelo fordista, mas há processos de desregulamentação em curso, como na área trabalhista e tributária, além de privatizações e instabilidade geopolítica internacional, características do novo capitalismo.

e) e a ideologia - a empresa figura no modelo de acumulação flexível, pois há adaptação ao consumidor, com consumo individualizado, produzindo itens específicos para clientes específicos, como já tratado acima.

Uma vez tendo analisado nosso objeto, a Unifi do Brasil, em sua estrutura e processo, passemos para a análise dita mais local, de sua forma e função. A junção desses conceitos, da ordem fenomênica, visível, do objeto, à sua estrutura e processo nos permite concluir a análise material e histórica de nosso objeto.

### 3.2 A Unifi enquanto forma e função

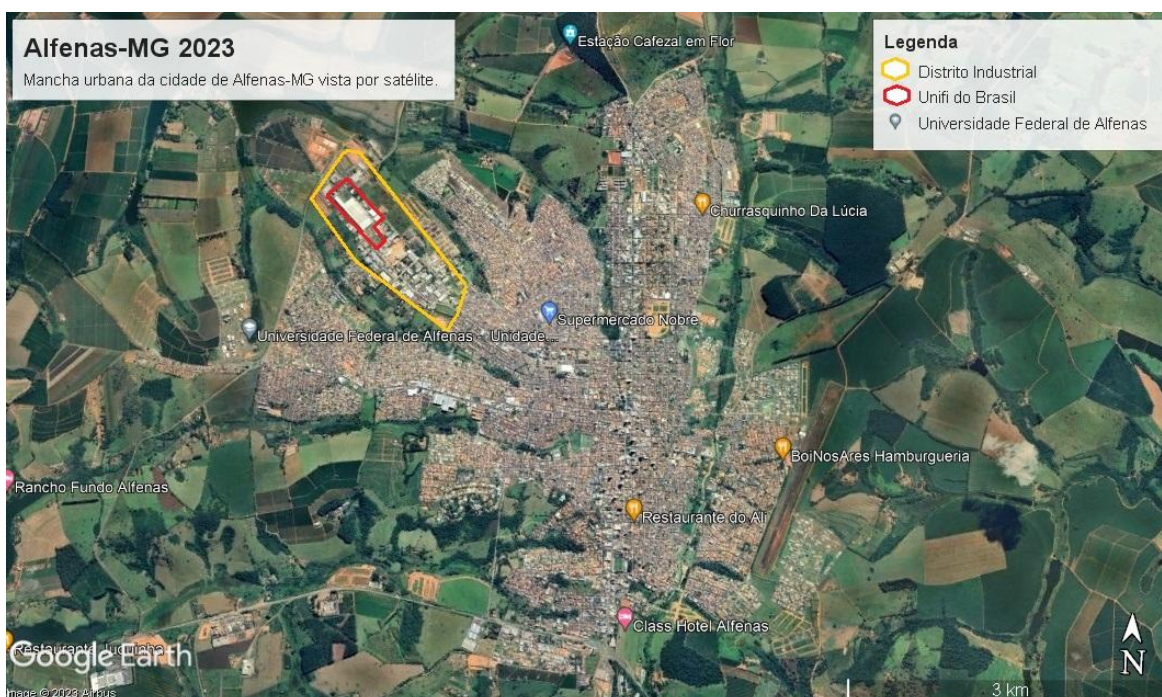
A forma, definida por Santos (2014, p. 69) como “uma estrutura técnica ou objeto responsável pela execução de determinada função” e governada pelo presente, embora integre seu passado. Por definição, forma e função estão intimamente relacionadas, e serão explicitadas a seguir.

Assim, iniciamos a caracterização de sua forma por uma observação inicial. Destacamos primeiro uma forma maior, que não é o objeto desse trabalho, mas no qual se insere a Unifi, que é o Distrito Industrial de Alfenas, que pode ser observado em imagem de satélite na figura 3.

Na imagem, vemos que o Distrito Industrial é como um bairro dentro da cidade, já cercado por bairros residenciais. O ex-prefeito, Canavez, nos afirmou que essa má localização impede a sua expansão (do Distrito Industrial). Além disso, ressaltamos que o telhado da Unifi, de cor branca dentro do polígono, é a maior estrutura visível na imagem em toda a área construída da cidade de Alfenas.

Voltando à Unifi, ainda do lado de fora da fábrica, percebe-se que o seu entorno tem rua pavimentada, com trecho de rodovia e rotatória com acesso direto à entrada, ligando a BR 491, que corta grande parte do Sul de Minas Gerais. Em frente a portaria há um ponto de ônibus circular, além de um estacionamento, para automóveis e motocicletas. A entrada é grande (figura 4 A), com uma guarita, sendo observado fluxo de carretas de grande porte entrando e saindo. Também carros particulares entram na fábrica ao longo do dia. Funcionários saem a pé, de bicicleta e de ônibus. O entorno é silencioso. Há grande fluxo de caminhões, e quase nenhum fluxo urbano (pessoas, carros, etc). No muro há placas que sugerem uma preocupação da empresa com o meio ambiente. Ao lado do muro, na parte externa, há um espaço com árvores ao longo de toda a extensão, com calçada pavimentada.

Figura 3 - Distrito Industrial de Alfenas-MG, em 2023



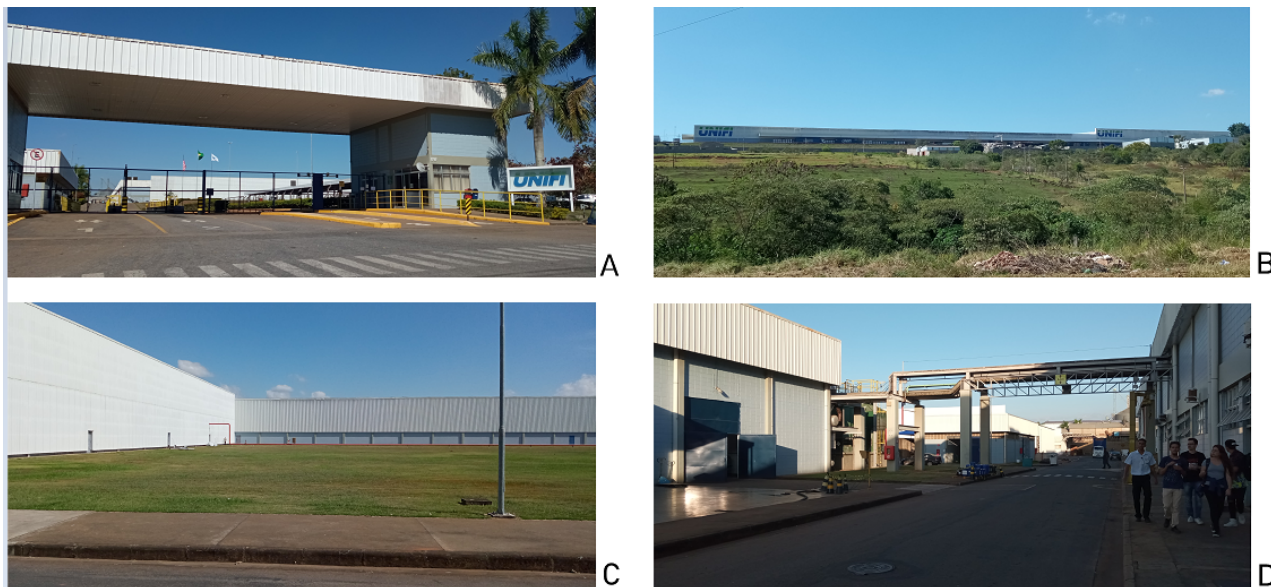
Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor, 2023.

Ao adentrar a fábrica, em uma visita agendada, fomos recebidos por Marco Aurélio, que é auditor responsável por treinamentos de novos funcionários, trabalhando na empresa há 24 anos, que nos prestou diversas informações.

Ele afirmou que a estrutura contava com aproximadamente 450 funcionários, antes da pandemia, e atualmente com 683 postos de trabalho. O parque fabril de

Alfenas ocupa uma área de 260.000m<sup>2</sup>, e 50.000m<sup>2</sup> de área construída, com planos de expansão no curto prazo.

Figura 4 - Unifi em Alfenas-MG, 2023



A: entrada da Unifi; B: Unifi vista da estrada de acesso ao Distrito Industrial; C: Área em que será construído novo galpão; e D: interior do parque fabril da Unifi.

Fonte: arquivo pessoal, 2023.

No espaço visitado foi apontado um campo em que nos próximos meses haverá a construção de um novo galpão para 30 novas máquinas (figura 4 C). Novos armazéns e novas vagas de emprego também estão para serem abertas.

Em São Paulo, em sua sede administrativa, fica a diretoria geral, financeira, comercial e logística internacional. Toda a estrutura de vendas está estrategicamente localizada próximo ao mercado consumidor, fornecendo todo o suporte e informações necessárias para a correta e eficiente utilização de seus produtos, e da mesma forma entendendo as suas necessidades e indicando a solução mais adequada para cada aplicação específica. A mercadoria fica praticamente no mercado interno, e quase não há exportação.

Intimamente conectada a forma, a sua função de produzir os fios de poliéster é complexa, envolvendo outros países. A matéria-prima vem do exterior, cerca de 85% vindo da Índia, e o restante da China ou Estados Unidos da América. Dos EUA vem especialmente os polímeros feitos de garrafas pet, que atualmente é uma marca especial da Unifi, os fios Repreve®, que são reciclados e feitos apenas de garrafas. Nos EUA há uma fábrica para esse processo, que após coletar as garrafas,

as transformam em polímeros, matéria prima chamada por eles de “Poy” que, ao chegar na sede produtiva aqui no Brasil, é transformada em fios de poliéster. O produto é uma bandeira ecológica da empresa, com grande destaque em seu site.

A matéria prima chega pelo porto de Santos, vindo para Alfenas diretamente. Quando chega o polímero “poy”, ele ainda não serve para a indústria têxtil. Na Unifi ele passa por processo de texturização para aí ganhar as propriedades necessárias para a confecção de tecidos. Na fábrica, há um moderno laboratório, onde realizam testes e análises físico-químicos, da matéria prima ao produto final, para garantir controle e monitoramento em todas as fases do processo de produção.

Em seu vídeo institucional, a Unifi diz ser líder mundial na tecnologia de produção e processamento de fios multifilamentos de poliéster. Estes produtos são utilizados nos mais diversos segmentos da indústria têxtil, como moda, produtos esportivos, decoração, tapetes, móveis para escritório, indústria automotiva, linhas de costura e aplicações industriais. Tem como missão oferecer fios inovadores e soluções competitivas para todos os elos da cadeia produtiva.

A Unifi possui um amplo portfólio de produtos, que se destinam às mais variadas aplicações dentro do segmento têxtil. Todos os produtos são desenvolvidos a partir de fios especiais, com diferentes tipos de uso e qualidade, como fios que absorvem umidade, outros que são mais elásticos, há também fios que evitam odores e outros que dificultam a propagação de chamas. Além disso, há linhas de fios para tipos de toques e visuais diferentes, e fios que são sintéticos com aparência de naturais, bem como os reciclados de garrafas pet.

Nesse último caso, além da reciclagem, a Unifi afirma que o processo demanda menos energia para a produção, se comparado aos fios sintéticos, além de não utilizar a matéria prima advinda do petróleo. Nesse segmento de fios reciclados, o Repreve, há três linhas de produção: os fios híbridos, feitos a partir de garrafas pet e restos de fios sintéticos; os feitos exclusivamente com garrafas pet; e os feitos apenas de restos de fios sintéticos.

O produto final da empresa é apenas fios de poliéster, e não fabricam peças de roupas. Alguns fios já são fabricados em cores, outros são vendidos em bobinas próprias para processo de tintura posterior. A empresa trabalha com pequeno estoque para entregas rápidas, de até 24h, e grandes encomendas são fabricadas após o pedido. A fábrica tem, atualmente, capacidade de produzir seis mil toneladas de fios por mês. No momento, estão com produção reduzida com receios acerca de



incertezas no cenário mundial e nacional. Mas há perspectivas de aumentar a produção no próximo semestre.

O transporte é terceirizado, por uma empresa de São Paulo, que realiza toda a logística. Os caminhões buscam a matéria prima no porto de Santos e trafegam por 380 km até Alfenas. Depois levam a produção para um centro de distribuição, em São Paulo, há 320 km. Do centro de distribuição, a mercadoria vai para o porto novamente, há 60 km, em caso de exportação, ou para outros pontos do território nacional. Tanto a produção como o transporte ocorrem ininterruptamente, todos os dias do ano, com três turnos de funcionários, que se revezam das 6h às 14h, das 14h às 22h e das 22h às 6h. Além disso, há os cargos administrativos que trabalham em horário comercial.

A empresa alega ser consciente de suas responsabilidades socioambientais. Pontua ações como o tratamento de todos os efluentes líquidos gerados na unidade, pela própria empresa, além de políticas de reutilização de embalagens e outros materiais. Há também sistema de filtro nas chaminés, para manter as emissões atmosféricas dentro dos padrões exigidos por lei. Afirmam que a infraestrutura é planejada para a utilização de luz natural, bem como o reaproveitamento da água. Apontam também que tem uma área verde, com árvores de diferentes espécies.

No campo social, alegam que auxiliam instituições de amparo e formação de menores na região, além de participar de atividades culturais e incentivos a atividades esportivas e inserção social e formação profissional para a comunidade a sua volta. Também há uma cooperativa de crédito para os funcionários, e uma biblioteca dentro das instalações, como também um restaurante e quadra para prática esportiva.

Enfim, após essa análise da Unifi a partir de conceitos da Geografia, concluímos que o uso feito pela empresa do território é como recurso. Esse uso demanda estratégias que será melhor tratado no próximo capítulo.

## 4 UNIFI, TERRITÓRIO E RECURSO: DA ESTRATÉGIA A UMA OUTRA POSSIBILIDADE

Como apontado, a empresa Unifi do Brasil usa o território nacional como um recurso, tendo como objetivo final o lucro, como resultado da mais-valia. Esse tipo de uso tem uma estratégia de ação, desde a escolha para a localização, passando pela relação com o poder público, até aos trabalhadores. Isso será abordado nesse capítulo, em que se considerará as vantagens e desvantagens desse uso, e quais outras possibilidades se tem no atual período técnico-científico-informacional.

### 4.1 A localização

Ao pensar sua localização, e quais fatores influenciaram a decisão da empresa em se instalar em Alfenas-MG, recorreremos às teorias da localização das atividades produtivas<sup>6</sup>, propostas ainda nos séculos XIX e XX. Das teorias estudadas, a primeira elaborada especificamente para as atividades industriais é a de Alfred Weber, de 1909 (ALVES, 2015). Sua teoria parte de uma concepção de espaço plano e homogêneo, em que os preços seriam relativamente iguais ou próximos.

Assim, uma indústria, para decidir a sua localização, deveria achar um ponto ótimo, entre matéria-prima, fontes de energia e mão-de-obra, e mercado consumidor. Esse ponto deveria ficar equidistante dos demais, ou equivalente, caso o percurso de algum deles fosse mais caro ou difícil. A figura 5 exemplifica essa teoria, em que os pontos representam a matéria prima, as fontes de energia ou mão-de-obra, e o mercado consumidor. Assim, a localização deve ficar, segundo essa teoria, mais próxima dele que dos demais pontos, em um cálculo preciso que indicaria o ponto ótimo, ou seja, de menor custo para a produção.

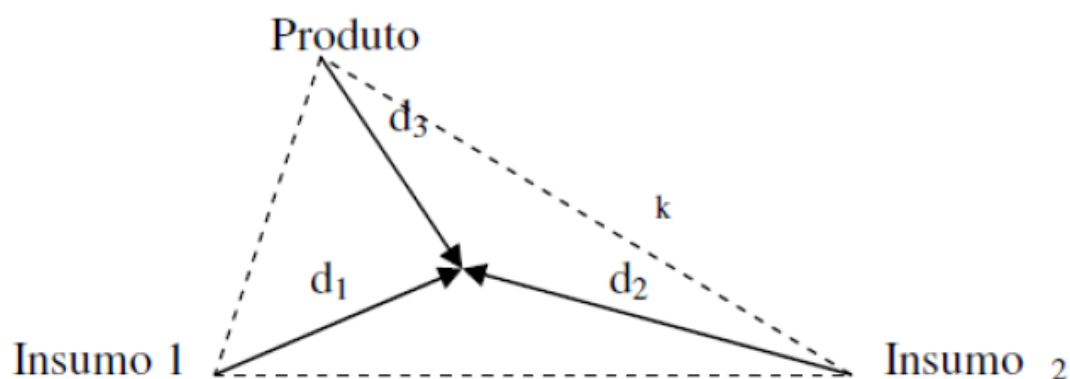
Ao olharmos para a Unifi, logo se percebe que a teoria não lhe é plenamente aplicada, uma vez que sua matéria-prima vem de países asiáticos, Índia (cerca de 80%) e China, e uma pequena parte dos EUA. Essa importação, de longa distância, implica um custo maior à produção, não justificando a escolha de Alfenas-MG (figura 6), que não está próxima de portos marítimos e nem mesmo de grandes rodovias que a ligariam a esses.

---

<sup>6</sup> Nos referimos às teorias de Von Thünen (1826), Alfred Weber (1909), François Perroux (1955), Christaller (1933), John Friedman (1969), e Paul Krugman (1992).



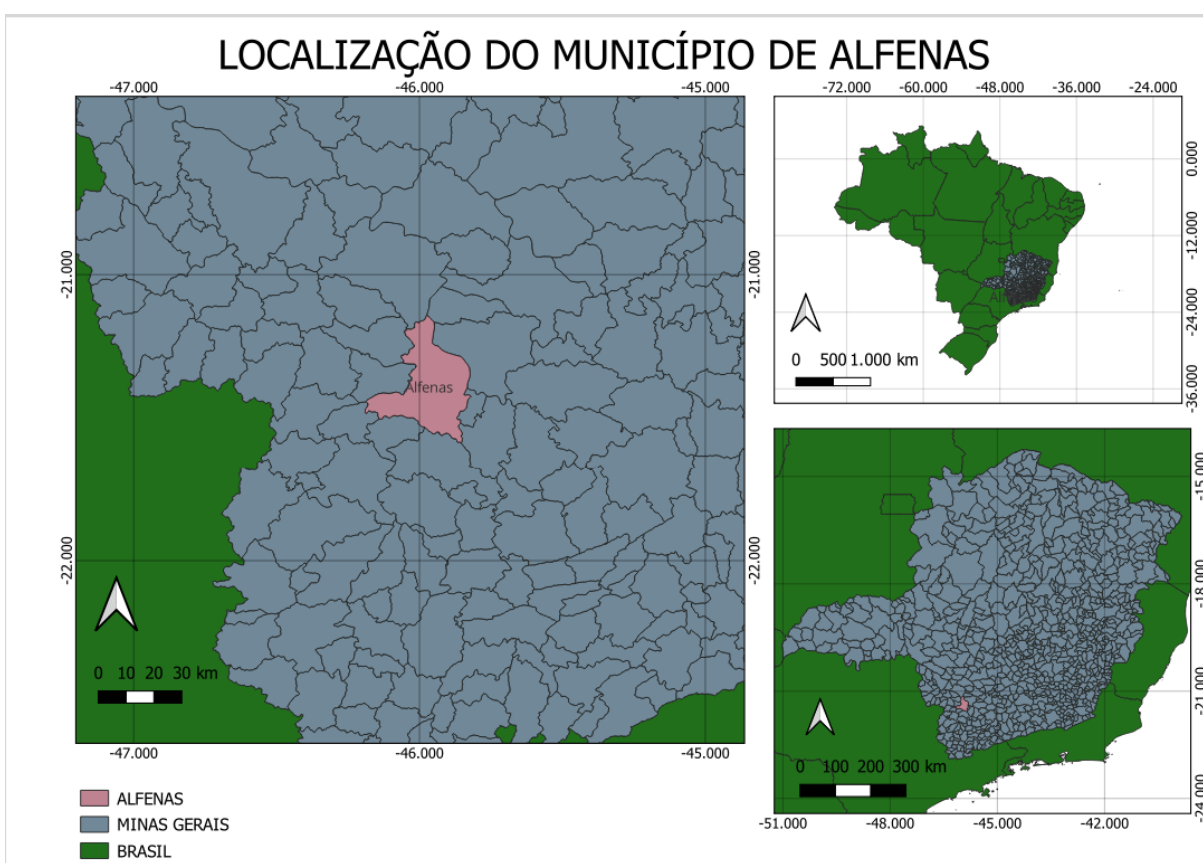
Figura 5 - Esquema da teoria da localização industrial de Weber



Insumo 1 e 2 referem-se a matéria-prima e fontes de energia essenciais à produção. Produto refere-se ao mercado consumidor.

Fonte: Maccan e Phillip (2001, apud ALVES, 2015).

Figura 6 - Mapa da localização de Alfenas-MG, 2023



Fonte: IBGE. Datum horizontal: Sirgas 2000. Sistema de Coordenadas Geográficas: UTM. Elaboração própria.

O porto de chegada da matéria prima, segundo a empresa, é o de Santos-SP, distante aproximadamente 400 km. Já a margem mais próxima da rodovia principal da região, a Fernão Dias (BR-381), que liga Belo Horizonte-MG a São Paulo-SP, fica a aproximadamente 100 km da empresa.

Apesar disso, o diretor de produções da Unifi, ao nos responder em questionário enviado por e-mail, afirma que um dos fatores para a escolha do município foi a “boa rede viária”. De fato, Alfenas é cortada por rodovias que a ligam à Fernão Dias, ao Estado de São Paulo e a outras regiões de Minas Gerais, sendo que algumas delas contam com terceira faixa em aclives. Porém, como já destacado, os grandes centros, onde se localizam maior mercado consumidor, uma vez que a produção não chega a um consumidor final direto, mas vai para outras indústrias de transformação, fica distante, assim como é distante para a chegada da matéria prima.

Vale ressaltar que a estratégia da empresa em se instalar no Brasil (e não especificamente em Alfenas) pode se relacionar como estratégia de aproximação do mercado consumidor, pois Kon e Coan (2005) afirmam que nos anos de 1990, década da vinda da Unifi para o Brasil, o País passava por uma crise das indústrias nacionais desfavorecidas pela política recente de abertura do mercado. Além disso, o Brasil é localização estratégica para a venda para o mercado sulamericano.

Mas voltando à questão do município de Alfenas, o critério de localização não se encaixa perfeitamente, e leva-nos a questionar quais outros critérios poderiam favorecer a sua instalação em Alfenas. Como já afirmado, a teoria da localização das atividades industriais considera o espaço como homogêneo, não levando em conta o Estado e sua tributação. Outras teorias, como a de Krugman, de 1992 (ALVES, 2015) aponta que outras variáveis devem ser levadas em conta, para além das distâncias com matéria-prima e condição de transporte. Isso nos leva à estratégia dos incentivos fiscais.

#### 4.2 Os incentivos fiscais

Ao iniciar essa pesquisa sobre a empresa Unifi, as primeiras afirmações que encontramos entre as pessoas consultadas, como o ex-prefeito Canavez, e a própria empresa, dizia respeito aos incentivos fiscais recebidos. Santos (2017) afirma que:

Os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica (equipamentos, infraestrutura, acessibilidade) e organizacional (leis locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laboral).

[...] Sem minimizar a importância das condições naturais, são as condições artificialmente criadas que sobressaem, enquanto são expressão dos processos técnicos e dos suportes geográficos da informação. (p. 247 e 248).

Desse modo, mais do que as condições naturais ou geográficas, como a localização ou proximidade com portos e grandes centros industriais, o que importa são as condições artificialmente criadas. Há de se falar em guerra dos lugares, em uma competitividade, que se tornou regra, não apenas no mercado, mas atingindo nesses casos concretos, o espaço geográfico (IBIDEM).

O ex-prefeito Canavez nos afirmou que à época da instalação da Unifi em Alfenas, ele atuava politicamente na cidade, embora ainda não fosse prefeito<sup>7</sup>, e se recorda de inúmeras críticas por conta da condição onerosa para o município que a vinda da empresa representaria. Ele assegura ainda que:

Houve um leilão [na época], e vários municípios tentaram atrair a empresa. Nos municípios criaram distritos industriais, na ansiedade de atrair indústrias, para atrair, tanto geração de empregos, tanto de tributos. Então havia um leilão ao contrário: qual era a cidade que haveria de oferecer as melhores condições para a empresa.

Assim, nesse leilão de município, ou guerra dos lugares, Alfenas conseguiu oferecer a melhor proposta, não necessariamente para si, mas para a empresa. No atual mundo do Meio Técnico-científico-informacional, são elas, as empresas, a ditarem as normas reguladoras do espaço, forçando Estados a se adequarem às suas condições, uma vez que o território usado por elas é um recurso.

As normas das empresas são, hoje, uma das locomotivas do seu desempenho e de sua rentabilidade. [...] As normas ditas internas atingem o entorno da empresa, já que suas pausas e seus horários de funcionamento, seus custos e preços, seus impostos e suas isenções atingem, direta ou indiretamente, o universo social e geográfico em que estão inseridas ativamente. (IBIDEM, p. 230)

Temos, portanto, a Unifi enquanto norma, disputando uso e regulação do território com os cidadãos e o poder público local, impondo seus critérios pela força

---

<sup>7</sup> Pompílio Canavez exerceu funções políticas na cidade e região como sindicalista, prefeito municipal e deputado estadual. Seu mandato como prefeito ocorreu entre os anos de 2005 a 2010, e como deputado estadual de 2011 a 2015.

da concorrência de outros lugares. Mas não somente o ex-prefeito o afirma, mas o diretor de produção, Fábio Almas, nos confirmou que entre os motivos para a escolha estão os incentivos fiscais oferecidos pelo estado de Minas Gerais e pelo município.

Canavez nos explica em que consistiu esses subsídios, oferecidos à época:

Além do imóvel [provavelmente se referia ao terreno e planta], doado pelo município, uma terça parte de todo o Distrito Industrial, como está lá hoje ainda, teve os subsídios em forma de isenção de impostos, e mais ainda, a devolução de impostos que a empresa deveria pagar ao estado, o ICMS, em troca de alguns poucos e mal-remunerados empregos.

Como exposto, o município não apenas deu o terreno, como abriu mão de alguns tributos municipais, o que elimina uma das vantagens de sediar uma indústria, que é o ganho em impostos, mas além disso, o município se comprometeu em devolver à empresa o valor pago em ICMS ao estado. Isso exemplifica a guerra dos lugares e a imposição de normas pelas empresas, que chegam a inverter a lógica do arcabouço legal e tributário.

Não bastasse o já exposto, a empresa, segundo Canavez, conseguiu provar que o gasto de energia utilizado no condicionamento do ar dos galpões era imprescindível para a produção, alegando que a produção deveria ser realizada em uma temperatura específica. Isso possibilitou que a empresa conseguisse subsídio da companhia de energia elétrica de Minas Gerais, a Cemig, somando mais um incentivo.

Outro fator, alegado tanto pela empresa como por Canavez, é a disponibilidade de água subterrânea. A empresa conseguiu a outorga para o uso dessa água, e desde então não paga por esse uso, já que na região não é realizada a cobrança<sup>8</sup> há muitos anos.

Tudo isso soma uma série de incentivos, na maioria tributários, ou como Santos (Ibidem) afirmou, artificialmente criados, normados por encomenda pela empresa, garantindo a ela que o território lhe fosse vantajoso, aumentando as suas possibilidades de lucro. Nessa situação favorável, a empresa assume uma postura rígida e de difícil diálogo com o poder público, uma vez já garantido seus benefícios exigidos.

---

<sup>8</sup> A cobrança é um dos instrumentos de gestão do uso dos recursos hídricos no Brasil, definido pela Lei nº 9.433/97. Ela é realizada por determinação de órgãos locais, como os comitês de Bacias Hidrográficas, que definem um calendário e estratégias.

Isso ficou evidente quando Pompílio Canavez, estando como prefeito municipal, decidiu dialogar com a empresa para rescindir o incentivo da devolução do ICMS pelo município. Segundo ele, a empresa dificultou as negociações, o que fez com que a sua administração municipal rescindisse o incentivo unilateralmente. Isso se transformou em um processo judicial, em que a empresa sai com larga vantagem diante de municípios pequenos, por possuir recursos e experiência jurídica. No caso específico, a Justiça deu causa ganha ao município, mas determinou que os valores não devolvidos até a data do julgamento fosse revertido em infraestrutura na parte externa da empresa, beneficiando o cidadão que caminha por ali.

Evidencia-se, assim, o modo de ação da empresa, que vai ao encontro da teoria miltoniana apresentada, desejando em tudo receber os lucros, e entregar poucas contrapartidas. O poder público local, que deveria representar o interesse dos cidadãos se confunde, nessa globalização toda confusa, que oferece um mundo fabuloso, irreal, mas entrega um mundo perverso, esse sim real (IDEM, 2000).

O que se oferece, como vimos, é uma possibilidade de maior oferta de emprego para o município, e os cidadãos se agradam com a ideia da chegada de uma indústria na cidade, como afirma Canavez:

Eu fui político, então as pessoas pedem indústria para o candidato, achando que a indústria vai repetir o que fazia no passado, trazer desenvolvimento e progresso, trazer emprego, trazer renda. Mas dependendo do tipo de indústria, se ela não usar a matéria prima da região, se ela não for geradora de emprego e se ela não pagar tributos, não vale, não.

Isso se justifica pelo fato das empresas modernas não usarem trabalho intensivo, e sim capital intensivo. Com maquinários modernos, não há grandes oportunidades de emprego. Assim, tendo observado que a empresa não se adequa completamente à teoria da localização pela matéria prima e mercado consumidor, temos agora que pelo fator de qualidade territorial, não necessariamente natural, mas artificialmente criada, a empresa tem seu primeiro motivo de instalação. Ligado a isso, como exposto, vem a questão do emprego, como bandeira de contrapartida principal a ser oferecida.

### 4.3 O emprego

Na ocasião de nossa visita de campo à sede da empresa em Alfenas, algumas informações nos foram prestadas sobre a relação com seus funcionários, agora chamados de colaboradores.

Como a sede principal, nos EUA, é considerada a matriz, de onde recebem as ordens e planejamentos, na época da instalação da empresa, alguns funcionários brasileiros foram levados para os EUA e lá permaneceram por até dois meses para aprender as técnicas e modo de produção. Ainda hoje alguns funcionários são selecionados para fazerem cursos ou passarem alguma temporada nos EUA.

Isso é o apresentado, como fábula, mas a realidade pode ser diferente. Ao conversarmos com um ex-funcionário da empresa<sup>9</sup>, ele nos afirmou que para os cargos mais básicos, de entrada, não é possível grandes mudanças na carreira, permanecendo sempre nas posições mais baixas e com salários pequenos.

A empresa afirma também formar seus funcionários com cursos técnicos, para a operação de máquinas, empilhadeiras, etc. O curso é certificado, e os funcionários que saem podem utilizar o certificado para outros empregos na área. As áreas que a Unifi contrata atualmente são, em maior número, para operação de maquinários, mas há vagas de estágios e de emprego em: engenharia mecânica, técnicos em tecnologia da informação, químicos, físicos, engenheiros de produção, matemáticos, psicólogos e agrônomos.

O ex-funcionário contatado por nós alega que a formação inicial não é um curso, mas que um funcionário mais experiente ensina informalmente as operações aos recém contratados. Além disso, alguns cursos, como para operar empilhadeira, não é bem uma oferta da empresa, como ela afirma, mas sim pago pelos funcionários que desejam. O curso é certificado, mas uma vez realizado, isso não garante ao funcionário a vaga na função, constituindo apenas um pré-requisito aos que se interessam. A diferença salarial também não é grande.

Em outro ponto, a empresa afirma pagar o transporte apenas para os que moram em Alfenas, e o foco de contratos são dos moradores locais. Os que moram fora podem concorrer a vagas de emprego, mas devem se mudar por conta própria para a cidade, ou vir para Alfenas por meios próprios.

---

<sup>9</sup> Ocultamos aqui sua identidade para preservá-lo.

Ao questionarmos sobre isso, o ex-funcionário afirma que o vale-transporte é dado para os que comprovam morar a certa distância da empresa, e que a contratação de munícipes de Alfenas é apenas regra nesses cargos de entrada. Para funções mais altas, raramente é alguém local, normalmente vindo de grandes centros urbanos, como São Paulo.

A Unifi afirma também, em um vídeo institucional, que, para além da tecnologia e maquinários, o seu grande diferencial competitivo está na sua equipe de “colaboradores” (como também apresentado em seu site - figura 7), que estaria sempre comprometida com os valores da empresa e alinhados às estratégias do mercado, sendo sempre capacitados por programas da empresa. Isso lhes garantiria a liderança no segmento.

Porém, na visita, houve um forte discurso meritocrático e puritano na empresa, com ideias de que os trabalhadores não estão dispostos ao trabalho, e não se esforçam, como antigamente, para uma melhor progressão na carreira. Há afirmações de que quem entra chega com vícios de comportamento, falta de higiene habitual, etc. Afirmam que a empresa enfrenta um sério problema com o uso de drogas por parte dos funcionários.

Figura 7 - Recorte do site da Unifi sobre carreiras

## Mais sobre a Unifi

### Carreiras

Nosso atributo mais importante?  
Nosso povo

Na Unifi, os funcionários são nosso elemento mais vital para o sucesso. A indústria têxtil é uma das empresas tecnologicamente mais avançadas do mundo, e nossos funcionários fornecem nossa vantagem competitiva no mercado.

[EXPLORAR OPORTUNIDADES >](#)



Fonte: Unifi (2023).

Essa postura frente aos funcionários pode ser explicada por uma afirmação do contatado por nós:

Eles levam em conta se você é casado, se é religioso. Tudo leva em conta. Se você for solteiro, já cai nos “pontos”, mas isso não é declarado. Mas eles perguntam tudo isso na entrevista, até religião. Assim, quem é crente, tem maior estabilidade. Eu era ateu, e já não gostavam.

Isso mostra que em relação ao emprego, a empresa apresenta uma realidade, que é o buscado pela população, de maior oferta de emprego, de qualidade e altos rendimentos, por ser um segmento industrial, algo hoje fabuloso, pois a realidade apresentada é muito diferente e, no dizer de Santos (IBIDEM) perverso.

Mas é justamente aí que está mais um ponto de sua estratégia de localização. Ao questionarmos ao diretor de produção da Unifi os fatores que influenciaram a decisão da instalação, aparece em sua resposta: “Capacitação de mão de obra com salários condizentes com a região”. Esses salários condizentes com a região significam salários desvalorizados. O ex-funcionário contatado afirmou que o salário para diversas funções de entrada, no “chão de fábrica”, era o mínimo praticado da época. Ou seja, não há uma remuneração valorizada por ser um emprego industrial.

Canavez nos explica o motivo dessa questão salarial na região, ao apontar o que as empresas buscam aqui:

Subsídio, mão de obra desorganizada e barata, fugindo do ABC e outras regiões de São Paulo que tem um sindicalismo mais organizado, onde os trabalhadores têm mais direitos. Aí vem pra Alfenas, por exemplo, a pessoa [o cidadão] dá graças a Deus por ter um emprego mal remunerado. Então não adianta tentar organizar [como os] metalúrgicos do ABC, não vai acontecer.

Portanto, a falta de organização sindical, como também de outras opções de emprego mais valorizados na região, favorecem para a empresa pagar baixos salários. No quesito de quantidade de vagas, a empresa oferece cerca de 600 empregos, como já afirmado no capítulo terceiro. Porém, apesar de parecer um número alto para uma unidade, Santos (2004) alerta que a maior parte do emprego está no setor terciário, de serviços e comércio, mesmo que nesse caso o número de vagas seja pequeno por unidade.



Enfim, a teoria da localização industrial pode apontar que, em nosso caso concreto, Alfenas seria quase que um “ponto ótimo” para a instalação. Apesar das distâncias, a rede viária permite o tráfego da matéria prima e produto final, os incentivos fiscais tornam a cidade um território vantajoso, e a realidade do mercado de trabalho, da mão-de-obra, favorece seu maior lucro.

#### 4.4 Por uma outra possibilidade

Assim, com esse uso do território pela empresa como recurso, a oferecer baixos salários, apesar de contar com planos de saúde e cumprimento das obrigações trabalhistas, e não pagar tributos ao município, mantendo uma relação distante, questiona-se as verdadeiras vantagens de se ter uma multinacional. Canavez afirma que uma vantagem, em seu ponto de vista, é que uma empresa desse porte acaba atraindo outras para o município, como no caso da Unifi que atraiu a Siderama, que realiza a tintura dos fios.

Porém, na visão dele, como essas empresas são modernas, acabam oferecendo poucos empregos, e as vantagens só poderiam ser percebidas a um longo prazo. O território, tanto em sua escala local, aqui analisado, como em sua escala nacional, que deveria ser abrigo para todos, oferecendo aos cidadãos o direito ao seu pleno uso, garantindo vida digna, é cooptado por outros interesses. Santos (2017) afirma que nesses casos

verifica-se uma verdadeira “erosão da soberania nacional”, conforme realçado por H. I. Schiller (1986, pp. 21-34). Acreditar, todavia, que o Estado se tornou desnecessário é um equívoco. Na realidade, a emergência de organizações e firmas multinacionais realça o papel do Estado, tornado mais indispensável do que antes (A. Giddens, 1984, p. 135; H. Silver, 1992; G. Boismenu, 1993, p. 13; Groupe de Lisbonne, 1995).

[...] Para Peter Dicken, 1994, pp. 103 e 146 [...], “não apenas os Estados ainda são atores importantes, como *têm a capacidade de encorajar ou inibir* a integração global ou nacionalmente responsável frente aos desígnios das empresas transnacionais”. (p. 245, grifos nossos).

Assim, não podemos entender o Estado, também representado em sua escala local, como um ente passivo nesse processo, sem possibilidades de uma ação em defesa dos cidadãos e de seu território. O Estado faz opções, assim como a população, que direcionam e permitem este ou aquele uso, através da política.

Uma ação consciente, por parte também dos cidadãos, poderá trazer outras possibilidades de uso que atendam aos interesses legítimos de vida digna de todos.

Assinalando essa passagem de uma economia internacional para uma economia global, Savy e Veltz (1993, p. 5) nos convidam “a repensar a relação entre as entidades territoriais nacionais, as estratégias e as organizações das empresas em via de mundialização”. Diversas soluções são aventadas, desde o reforço dos blocos regionais (P. Geiger, 1993, pp. 104-106; M. Arroyo, 1994. P. Ciccolella, 1994) à confederação de Estados semiautônomos (B. Barber, 1992, p. 19). A necessidade de intervenção nos setores estratégicos é evocada [...]; a essencialidade do Estado para assegurar o bem-estar social numa época de globalização é lembrada por J. Delcourt (1992), e a inelutabilidade de uma resposta popular internacional é prevista por S. Picciotto (1991), o que legitima a imperiosidade da elaboração de um projeto nacional (G. Neves, 1994, p. 275) para cada país que deseje ter algum comando no processo de sua inserção na nova ordem global que se desenha. (IBIDEM, p. 245).

Portanto, não existe um caminho único na história do mundo, nem mesmo agora será assim. Há sempre caminhos, outras possibilidades, outras opções (SANTOS, 2000). O que caracterizamos nesse trabalho torna empírico ao conhecimento geográfico, nesse caso particular, do movimento atual do mundo. Um uso do território como recurso, com vantagens para poucos, os atores hegemônicos da história atual, mas que não precisam sempre sê-lo, necessariamente.

O mundo atual, com as condições técnicas atuais, permitem como nunca antes que se use as técnicas a favor da vida e de uma melhor condição social para todos. Um outro futuro possível passa pelos pobres, hoje excluídos, mas que através da solidariedade, pela necessidade, apontam já um novo caminho. As técnicas da informação e da comunicação possibilitam uma maior participação popular no conhecimento dos processos, que pode ser o início dessa virada histórica prevista por Santos (2000), para uma outra globalização e um outro mundo possível.

A empresa Unifi poderia participar dessa outra possibilidade, se se pautasse por novos valores, adequando-se ao território, como respeito aos seus cidadãos, ao invés de adequá-lo a si. O seu uso do território poderia ser abrigo se a busca não fosse pelo lucro, mas pela realização integral da vida de todos os seus, agora sim, colaboradores. A preocupação ambiental seria, então, integral, e suas estratégias partiriam dos interesses locais, e não estranhos aos cidadãos. Isso nos parece impossível, nessa fase atual do capitalismo, mas não deve diminuir os esforços e nem ofuscar a utopia na construção de uma outra possibilidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos esse estudo do uso de uma porção local do território nacional por empresas transnacionais, escolhemos como objeto concreto para a análise a empresa Unifi do Brasil, com sede produtiva na cidade de Alfenas-MG. A empresa se instalou aqui no período de abertura comercial do Brasil para o capital externo, o que foi comum no setor têxtil na década de 1990.

Escolhemos para essa investigação o método materialista histórico dialético, dividindo metodologicamente a pesquisa em três etapas, do sincrético, na investigação teórica da totalidade, da análise das partes, especificamente do objeto concreto, e da síntese, da qual esse trabalho é fruto. Ao utilizar o sistema conceitual de Milton Santos, apoiado por outros geógrafos e autores, foi possível compreender de que modo se dá esse uso do território.

Santos (2017) afirma que há agora um “território nacional da economia internacional”, e isso se verifica com um uso do território como recurso, em que as empresas ditam as regras, que são prontamente acatadas pelo Estado. Assim, o território como abrigo dos cidadãos se conflitua com o das empresas, que saem em vantagem nessa relação.

Esse uso, característico dos que pertencem ao circuito superior da economia urbana, limita os direitos, uma vez que a palavra de ordem é o lucro e a competitividade, e não mais a cidadania. A localização no território é pretendida onde se oferecem as melhores condições de produtividade. Incentivos fiscais e desorganização da classe trabalhadora despontam como os principais atrativos. A oferta de emprego é uma fábula, uma vez que a realidade é perversamente diferente. Poucas vagas relativamente, e baixos salários quando comparado com o praticado em outras aglomerações urbanas mais organizadas com sindicatos.

A relação se configura onerosa, com poucas vantagens, que talvez venham a longo prazo. Uma outra possibilidade, portanto, não deve ser descartada, pois na marcha da história nunca há apenas uma opção (SANTOS, 2000). O mesmo Meio Técnico-científico-informacional, que é a base dessa estrutura atual, tem potencial para uma virada histórica, em que os cidadãos, conscientes, pela política e pelo Estado, que nunca deixou de ser importante, podem mudar os rumos para uma outra globalização.

O uso do território poderá então ser abrigo de todos os cidadãos, em que o seu pleno uso permita acesso aos direitos para uma vida social digna, e a relação espaço e economia se verifique a serviço de todos, com o ser humano no centro das discussões, e não mais o lucro e o dinheiro. Os atores hegemônicos, que agora comandam a ordem mundial, e se valem da competitividade, não necessariamente o serão no futuro, e uma nova ordem mundial, do período popular da história, se torna possível.

Ressaltamos, por fim, que algumas questões, por enquanto não respondidas, como a inserção do Distrito Industrial nas discussões aqui realizadas, bem como de cada empresa que nele se insere, suas relações entre si e com o poder público, enfim, seus usos do território, poderão ser abordadas em futuras pesquisas, sejam elas realizadas por nós, no mestrado, ou por outros pesquisadores que desejarem continuar por esse tema.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Flamarion Dutra. Questões Teórico-metodológicas entre Geografia Econômica e Desenvolvimento Regional. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, n.37, v.1, p.5-21, jan./jul. 2015.
- ANTONGIOVANNI, Lídia Lúcia. **Território como Abrigo e Território como Recurso: territorialidades em tensão e projetos insurgentes no norte do Espírito Santo**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- BATISTA, Carolina Rocha. **Industrialização de Minas Gerais: Uma Análise Regional da Indústria Manufatureira e Fabril entre os anos de 1907 e 1954**. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade federal de Alfenas, *campus Varginha*, 2021.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 23ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- FUGITA, Renata Mayumi Lopes. JORENTE, Maria José. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. **Moda Palavra**. e-Periódico vol.8, n.15, jan./jul.2015.
- KON, Anita. COAN, Durval Calegari. Transformações da Indústria Têxtil brasileira: A Transição para a Modernização. **Revista de Economia Mackenzie**. Ano 3. n. 3, p. 11-34, 2005.
- MAMIGONIAN, Armen. O Processo de Industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. N. 50, p. 83-101, 1976.
- MÉNDEZ, Ricardo. **Geografía Económica: la lógica espacial del capitalismo global**. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1997.
- MESTRE, Ana Paula. SILVA, Adriana M. Bernardes da. Os Micros – Circuitos de produção têxteis de Americana – SP (1990- 2005): Carioba, os saberes locais e o território usado. **Revista Formação** (Online), [S. l.], v. 1, n. 14, 2011. DOI 10.33081/formacao.v1i14.697. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/697>>. Acesso em: 3 jul. 2023.
- PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª Ed. 4ª reimp. São Paulo. Expressão Popular, 2015.
- PEREIRA JÚNIOR, Edilson. Teorias da Economia Política e a Geografia. In: SPOSITO, E. S. & CLAUDINO, G. S. **Teorias na Geografia**. Avaliação crítica do pensamento geográfico. Rio de Janeiro: Consequência Editora, pp. 271-321, 2020.
- SANTOS, Milton. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**. Rio de Janeiro, Ano XIII, Nº 2, 1999, p. 15-26.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton et al. **O papel ativo da Geografia**: um manifesto. Laboplan: Florianópolis, 2000.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido**: os Dois Circuitos da Economia Urbana nos Países Subdesenvolvidos. Tradução: Myrna T. Rego Viana. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 9ª ed. Rio de Janeiro. Record, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5ª Ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª Ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4ª Ed. 9ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7ª ed. 3ª reimpr. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Usos do território: soberania e liberdade Fundamentos para a discussão de um Projeto Nacional. In: KAHIL, Samira Peduti (org) et al. **O Tamanho do Brasil**: Território de quem? São Paulo: Editora Max Limonad, 2021, pp. 93-133.

SPOSITO, Eliseu Savério. A questão do método e a crítica do conhecimento. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. USP - UNESP, 2003.

UNIFI. **UNIFI**, True Innovation. Disponível em: <<https://unifi.com/>> Acesso em: 03 de jul. 2023.

UNIFI, **TexBrasil**, Unifi. Disponível em: <<http://texbrasil.com.br/pt/companies/unifi/>> Acesso em: 12 de set. 2020.

## APÊNDICE A – Diálogo 1

### Conversa informal com gestores públicos municipais: transcrição

1- Nome completo: Pompílio Canavez

Data do diálogo: 16/05/23

2- Idade: 68 anos

3- Poderia me falar um pouco sobre sua experiência de gestor público e cargos de representatividade ocupados por você?

*Eu fui sindicalista, fui dirigente sindical, presidente do Sindicato de bancários, também fui bancário, isso do estado de Minas Gerais. Fui também prefeito da cidade de Alfenas-MG eleito duas vezes, fui deputado estadual, Dirigi também uma associação de municípios com 52 municípios, que ficam às margens do Lago de Furnas. E, também, na década de 1990, que foi uma época de criação de muitas ONGs, eu criei algumas ONGs ambientais, fui ambientalista, e dirigi algumas ONGs que tinham um caráter de defesa do meio ambiente.*

Período, situação econômica industrial em Alfenas na época, etc...

*Alfenas tinha, e tem ainda, um Distrito Industrial, que está mal localizado. Porque ele foi feito dentro do perímetro da cidade, numa região onde não há possibilidade de expansão. Então havia algumas indústrias, umas permanecem, outras já não existem mais. Por exemplo, uma que não existe mais: a Tiph, que trabalhava com aplicação de peças para automóveis, caminhões, e ela era uma “função”, uma indústria, vinda de Bragança Paulista, mas ela fechou com as dificuldades da crise do automobilismo e não aguentou. Teve outras empresas que se instalaram e não ficaram. A política de atração de indústrias na cidade nunca foi muito eficiente. Por causa da localização geográfica, da logística. Por exemplo, uma empresa, entre se instalar aqui ou Pouso Alegre, ela preferirá Pouso Alegre, por causa da rodovia Fernão Dias. Uma empresa mesmo que quis se instalar aqui e soube que ficava mais de 100 km da Fernão Dias, ela desistiu e se instalou em Pouso Alegre, pois se fosse aqui ela teria que viajar daqui a*

*Fernão Dias e depois acessar São Paulo, Belo Horizonte ou outros pontos. Então, havia algumas indústrias, mas até hoje existem poucas.*

4- Como foi o processo de instalação da empresa Unifi em Alfenas?

*Eu participei da política, estava atento na época. Teve muitas críticas pelas concessões que o município teve que fazer para a empresa se instalar aqui. Além do imóvel [provavelmente se referia ao terreno e planta], doado pelo município, uma terça parte de todo o Distrito Industrial, como está lá hoje ainda, teve os subsídios em forma de isenção de impostos, e mais ainda, a devolução de impostos que a empresa deveria pagar ao estado, o ICMS, em troca de alguns poucos e mal-remunerados empregos. A indústria moderna, a Unifi é uma indústria moderna, ela é muito automatizada, e necessita de pouca mão-de-obra. A mão humana é necessária, mas não tanto. As máquinas e os computadores, ainda mais agora que a tecnologia evoluiu... Mas o município então fez um contrato bem oneroso. Houve um leilão [na época], e vários municípios tentaram atrair a empresa. Nos municípios criaram distritos industriais, na ansiedade de atrair indústrias, para atrair, tanto geração de empregos, tanto de tributos. Então havia um leilão ao contrário: qual era a cidade que haveria de oferecer as melhores condições para a empresa. Essa é uma empresa multinacional, Nevada [Carolina do Norte], com algumas unidades pelo mundo, como aqui no Brasil. Na época, nas tratativas, ela levou o prefeito com alguns vereadores para conhecer as instalações da indústria nos EUA.*

5- Houve incentivos fiscais, ou outras formas de incentivos?

*A isenção de tributos municipais ainda existe. A devolução dos impostos do ICMS acabou no meu governo. Eu achei despropositado, e tentei negociar com a direção da empresa, mas era impossível, porque eles são muito inacessíveis. A direção era inacessível, a americana e a do Brasil, que é sediada em São Paulo. A tomada de decisão não era aqui, era em São Paulo, pois ela fazia para exportação, e também para abastecer a indústria têxtil em São Paulo, que era o grande destino dela. Aí eu, como não consegui negociar, resolvi suspender unilateralmente a devolução do tributo, o que gerou um processo na Justiça, da empresa contra a minha administração. Num processo de improbidade administrativa, que pode dar perda de mandato e de direitos políticos, inclusive. Mas na época eu resolvi enfrentar o processo, e quando chegou no tribunal, eu acabei vencendo o processo.*



*Não precisa mais, a partir daquela data, da devolução do tributo. E o [tributo] passado, que eu havia deixado de devolver, foi feito uma compensação: o juiz pediu que eu construísse uma calçada em torno de toda a indústria. Então, com muito custo, eu consegui dar a mão-de-obra e a empresa deu os insumos. Tá lá até hoje, e a população usa como pista de caminhada.*

O município apresentava alguma vantagem prévia para que a empresa o escolhesse?

*Sim, a existência de água pura subterrânea, pois ela necessita de muita água no processo produtivo dela. Então, ela veio e essa água ela tinha a outorga, que não é onerosa. Ela não paga por isso. Um insumo raro e não sabemos valorizar. Então ela usa a água e devolveria a água, depois, com tratamento de efluentes, para o Lago de Furnas. Além disso, ela conseguiu também um incentivo, com auxílio do município, do governo do estado, da Cemig, companhia energética, porque a empresa precisa manter uma temperatura fria constante, 24h por dia, todos os dias, para o processo produtivo. É uma refrigeração, o que consome uma energia elétrica muito grande, pois são condicionadores de ar potentíssimos, para manter os galpões, que são bem amplos e altos, em temperatura regulada e fria, então são necessários muitos refrigeradores de ar. Então ela conseguiu a energia subsidiada, porque ela conseguiu comprovar que o ar-condicionado fazia parte do processo produtivo. A energia elétrica usada nisso não ia diretamente para as máquinas, mas o maior gasto de energia ia para o condicionamento do ar, e ela conseguiu esse subsídio também.*

*Ela não necessitava de mão-de-obra muito qualificada, e ela também treinava os próprios trabalhadores, na área da fábrica, mas nada que exigisse um Senai ou algo assim. São tarefas simples, que normalmente era vigiar a máquina numa operação.*

6- Como foi/é a relação da empresa com o poder público local?

*Ela é bem distante, ela já havia conseguido o que almejava. Ela mantinha uma relação fria e distante como eu disse, a tomada de decisão da empresa não era dos administradores locais, mas era do escritório central deles em São Paulo. Havia ameaça de ir embora, " se não quiser o que eu quero[...]". E tem no Estado de Santa Catarina, tava sempre buscando esse tipo de empresa e conseguia mais vantagem*

*ainda. Mas Santa Catarina tava mais distante de São Paulo, isso dificultava um pouco e a estava instalada aqui.*

7- Qual a importância econômica da empresa para o município de Alfenas? Quando foi instalada e hoje? Ela realmente traz benefícios para o município e sua população?

*Ela é uma empresa que atrai outras empresas, mas não tem uma importância grande por exemplo na arrecadação de tributos, que não paga os tributos municipais. E também, mas é mais importante ter uma multinacional no seu parque/distrito industrial, mas diretamente leva anos para que uma empresa dessa comece a devolver algum benefício para o cidadão e o município. Agora os empregos são poucos porque ela é automatizada. É uma ilusão né, as pessoas querem que vem indústria, o Brasil precisa de indústria, mas ela não é mais geradora considerável de emprego (emprego de qualidade e bem remunerado).*

8- O sr considera a Unifi uma empresa multinacional? Há outras empresas de mesma origem e porte no município na época em que foi prefeito e hoje?

*Ah existem, mas não indústrias, têm Siderama que veio dentro da cadeia produtiva da Unifi, ela é multinacional e italiana. Ela tinge o produto feito pela... A matéria prima da Unifi vem da China, muito oneroso pro meio ambiente produzir esses polímeros, porque é muito poluente. A Unifi processa, faz o fio, texturiza o fio, vai essa elasticidade no fio, e assim a Siderama, que é uma empresa italiana, ela tinge. Ela também gera poucos empregos, ela recebeu menos subsídio, já que ela veio na cadeia da Unifi, mas é uma das vantagens que a Unifi trouxe que é trazer outras empresas. E também muitos trabalhadores não sendo tão significativo gira também a pequena economia, de restaurantes, aluguel e essas coisas.*

*Agora há outras empresas no ramo do agronegócio, sendo multinacional também. Há duas empresas que se instalaram ainda no meu governo: o grupo nobre, que é um grupo chinês que atua no comércio internacional de café e grãos, ele compra do produtor e exporta para diversos países; e também uma empresa indiana, também atua no mesmo ramo, que compra o grão, o café, soja, milho, especialmente o café. E também tem empresas ali nas margens da rodovia 491 que fabricam adubo e fertilizantes de maneira geral para o uso das lavouras de toda região. Ela não gera tantos empregos porque aqui ela tem armazéns e ela tem classificadores, mas não são muitos não. A empresa moderna gera poucos*

*empregos, né?! O que gera emprego na nossa cidade é comércio e serviços, não tem... o sonho da indústria que pudesse desenvolver muito não acontece, os milhares de empregos da cidade é do comércio e serviço.*

9- Como o sr avalia a atuação da empresa no município, considerando sua relação com os trabalhadores locais e (possíveis) exigências de infraestrutura?

*Não, ela já cumpre bem, a legislação... até porque os salários são baixos, não tem porque muita... mas ela cumpre bem, não tem muitas queixas, não é uma prática dela fraudar os direitos trabalhistas não.*

**Infraestrutura, asfaltamento, energia...:** *Ah sim, sim, ela teve inclusive uma situação com a Copasa porque ela estava usando a tubulação da Copasa para levar os influentes para o Lago e a Copasa queria cobrar por isso, aí ela construiu sua própria tubulação. Mas isso envolveu polêmica grande com a Copasa. É o que as empresas querem, pagar nada e levar tudo. Essas empresas que vem pro Brasil tem que ser muito bem pensado, aparentemente é vantagem, mas quando você pesa, põe na balança você... não tá pagando energia elétrica, não quer pagar água, nem esgoto, nem tributo municipal e ainda quer devolução dos tributos que ela não consegue incentivo? É como se o município pagasse para ter a empresa, e como tem muitos municípios disputando as mesmas empresa acaba que esse leilão é inverso, ao invés da empresa... porque a matéria prima não é daqui né, a da Unifi, como disse ela vem da China, o cliente não é daqui, é de São Paulo, então a relação com a comunidade e cidade é só instalação, só o território. Ela quer um território bom, grande e bonito. Então nesse mundo, nessa ansiedade de se industrializar, o indivíduo atrai as vezes indústrias que são poluentes, que não é o caso dela pois a matéria prima é produzida na China, mas havia na comunidade temores que a água contaminasse o lado, inclusive algumas ambientalistas ficavam fiscalizando, coletando as águas dos efluentes para análise.*

**Transporte, a empresa exigiu linha de ônibus?-** *Não, pro ônibus ir lá não é muito complicado, é interessante para empresa de ônibus também.*

*Eu fui político então as pessoas pedem indústria para o candidato, achando que a indústria vai repetir o que fazia no passado, trazer desenvolvimento e progresso, trazer emprego, trazer renda. Mas dependendo do tipo de indústria, se ela não usar a matéria prima da região, se ela não for geradora de emprego e se ela não paga tributos não vale não.*

*Hoje já é mais pensado nisso. Por exemplo, se tivesse aqui na região uma indústria de torrefação de café, mas não o que a gente faz, pegamos o café... a região é maior produtora de café do mundo, do lado de Furnas, só que manda pra Europa e compra da Europa. Não transformamos a matéria prima, podia ter, assim como já teve, enormes plantações de laranja do grupo Ipanema, também internacional, mas exportava laranja, não processava suco. Só produzimos commodities. A Europa fala que tem o melhor café do mundo, mas não tem uma plantação de café. Não produz lá. Produz matéria prima aqui, dá salário baixo com péssimas condições, esse produto vai embora pra Europa e depois você compra o produto processado. Por exemplo o leite, sul de Minas é a maior produtora de leite do Brasil, mas todo dia caminhões levam esse leite para São Paulo. Empresas que pagam nossa matéria prima e transformam longe daqui, mas perto do consumidor, preferem ficar perto do consumidor do que perto da matéria prima. Café e leite, maior produtora do Brasil, mas não tem uma indústria desse tipo aqui, o que temos aqui é facção de confecção que também são paulistas, temos metalúrgicas produzindo peças para a indústria automobilística, por causa de quê? Subsídio, mão de obra desorganizada e barata, fugindo do abc e outras regiões de São Paulo que tem um sindicalismo mais organizado, onde os trabalhadores têm mais direitos, aí vem pra Alfenas, por exemplo, a pessoa dá graças a Deus por ter um emprego mal remunerado. Então não adianta tentar organizar um metalúrgico do ABC, não vai acontecer. E essa empresa vai buscar o que aqui? Subsídio, falta de organização dos trabalhadores, incentivos, terrenos, mão de obra barata.*

10- Em possíveis situações de conflitos com essa(s) empresa(s), o sr avalia que o poder delas, sobretudo econômico, pode dificultar a atuação do poder público local?

*Ah sim, eles tem uma estrutura jurídica muito boa, escritório que dá assistência para eles. Para um pequeno município que não conta por exemplo com advogados especializados no direito industrial, por exemplo, é muito difícil a relação. Pra ter ideia um grupo cultural aqui da cidade conseguiu aprovar uma lei e procurou a Unifi, e a Unifi só teria que do imposto de renda que ela paga uma parte ela deixaria de pagar, ela se recusou, e a palavra do administrador foi que não interessava para ele a cultura da cidade, isso não tá na nossa missão produtiva, estamos aqui para produzir fio e não para produzir cultura. Essa empresa maior, outras menores talvez até precise do município, mas essa... E quando ela quiser ir*

*embora para outro lugar, no contrato não tem nada que impeça. (Caso de Passos, a empresa foi para o Nordeste). A reforma tributária que está em discussão no congresso agora, que está sendo adiada há décadas, ela quer pôr um limite, um fim, nessa guerra fiscal, onde uma fábrica tem mais condições de oferecer do que por exemplo Minas, Espírito Santo, Mato Grosso... então se pudesse levar a lavouras de café embora daqui levavam é que não tem jeito.*

11- Quais perspectivas de futuro o sr projeta para o setor industrial no município?

*Olha, o Distrito Industrial está esgotado, não tem mais espaço, ele tem empresas lá que não são industriais, mas que as administrações do passado foram doando imóveis lá na tentativa de ocupar, mas como está mal localizado tem uma tendência a empresas se instalarem na margem da rodovia, a 491, que liga a Fernão Dias a Ribeirão Preto, Franca etc... E empresas que têm vindo para cá, tem vindo mais na comercialização dos produtos, de café, soja etc...*

*Mas eu penso que com duas universidades é pra cidade atrair empresas ligadas ao o que a universidade consegue formar de profissionais, por exemplo na área de farmácia, tecnologia... E aí a cidade sempre vai esbarrar na localização geográfica, não há mais ferrovias, foi desativada, o Lago que é navegável nunca foi usado como via de transporte (Pompilho tinha projeto de criar uma hidrovia, mas nunca saiu do papel) e as rodovias mais importantes passam distantes da cidade, que é a 050, 262, Fernão Dias... Desenvolvimento está na Fernão Dias.*

12 - Para finalizar, o senhor poderia me falar um pouco sobre o Distrito Industrial de Alfenas?

*Foi planejado, como vários municípios planejaram, criar um Distrito industrial, havia uma política do governo do estado chamada Companhia dos Distritos Industriais ligada a algo de desenvolvimento do governo do estado, que incentivava, financiava e ajudava a criação de Distrito industrial. Distrito industrial significa a infraestrutura de asfalto, energia, água, a logística né, para que as empresas se instalassem nos municípios. O problema é que o Brasil passou por uma fase de desindustrialização, ainda vivemos nesse período, então os distritos ficaram no plano só, se for em qualquer cidade média daqui da região você vai ver distritos industriais ociosos, porque? O Brasil liquidou as indústrias né*

## APÊNDICE B – Questionário

### Questionário ao responsável pela empresa: roteiro 2

- 1- Nome completo: Fabio Almas Data da resposta: 26/05/2023
- 2- Idade: 51 anos
- 3- Qual sua função na empresa? Diretor Industrial
- 4- Poderia relatar como foi o processo de instalação da empresa Unifi em Alfenas?  
Em abril de 1999, a Unifi Manufacturing Inc, com sede na Carolina do Norte/USA, adquiriu o parque industrial da empresa Fairway, dando início às operações da Unifi do Brasil no município de Alfenas. Desde então a Unifi do Brasil tem investido fortemente na modernização do seu parque industrial e no aumento de sua capacidade produtiva.
- 5- Quais fatores levaram a escolha do município para a instalação da empresa?  
- Localização estratégica da fábrica para fins logísticos;  
- Capacitação de mão de obra com salários condizentes com a região;  
- Disponibilidade de área, energia elétrica, água e boa rede viária;  
- Incentivos fiscal oferecidos pelo estado de Minas Gerais e pelo município de Alfenas.
- 6- O sr considera a Unifi uma multinacional? Qual papel a empresa desenvolve no mercado e na sociedade?  
- A Unifi do Brasil Ltda, subsidiária da UNIFI Inc. é uma empresa multinacional que desempenha papel de destaque na produção de fios têxteis de poliéster texturizados, sendo o maior produtor nacional destes artigos.  
- Sua presença contribui muito para o desenvolvimento do município de Alfenas, através da geração de centenas de empregos diretos e indiretos, investimentos em programas de formação e capacitação dos colaboradores, formação de jovens aprendizes e estagiários. Também figuramos entre os maiores

contribuintes do município, contribuindo significativamente com a arrecadação de impostos e desenvolvimento regional.

- A empresa contribuiu para a instalação e desenvolvimento de outras empresas fornecedoras e clientes no município, impulsionando o desenvolvimento industrial da região.

7- Como é a relação da sede produtiva em Alfenas com outras sedes/filiais no Brasil e no mundo? A Unifi do Brasil possui estabelecimento industrial em Alfenas/MG e sua Sede administrativa está localizada em São Paulo/SP. A unidade brasileira está subordinada à matriz no Estados Unidos, a qual reporta sua performance, resultados financeiros, planos estratégicos e de investimentos.

8- Quais ações a empresa realiza junto ao município, no sentido social e ambiental?

Ações Sociais:

- Fomento ao desenvolvimento regional, geração de Empregos, capacitação;
- Contribuição à Programas Educacionais, Culturais e de Segurança Pública;
- Doações a Instituições Filantrópicas

Meio Ambiente:

- Pleno tratamento e controle de todas suas emissões;
- Descarte consciente de resíduos;
- Tratamento de 100% do esgoto gerado (efluentes líquidos, sanitários e industriais)

9- Há quantos postos de emprego atualmente na empresa?

Atualmente a empresa conta com 683 postos de trabalho com expectativa de criação de 60 novas vagas até julho/2023

10- Como é a relação da empresa com o poder público local?

A relação com o município é de parceria. O poder público municipal sempre suportou as atividades e iniciativas da empresa.

11- Como funciona a cadeia produtiva da empresa, considerando a origem da matéria prima até o consumidor final?

A matéria prima utilizada na texturização de fios sintéticos é o POY (fio parcialmente orientado). A Unifi do Brasil importa 100% de sua matéria-prima, tendo como principais origens a Índia e a China. Na texturização, o POY é estirado e torcido, o fio ganha volume e elasticidade, que são características necessárias aos processos posteriores da cadeia produtiva. O fio texturizado segue para a indústria de tecelagem, passando pela confecção até chegar ao consumidor final. Os produtos da Unifi são encontrados nos artigos de vestuário, cama, mesa e banho, automotivo, tecidos industriais, dentre outros.

12- Por fim, quais suas perspectivas de futuro para a Unifi em Alfenas?

Continuar investindo e crescendo de maneira sustentável. Contribuir para o desenvolvimento do país, da comunidade, dos colaboradores, parceiros e poder público.



## APÊNDICE C – Diálogo 2

### Conversa informal com ex-trabalhador da fábrica Unifi: roteiro 3

1- Nome completo: Augusto dos Reis<sup>10</sup>

Data do diálogo: 23/06/2023

2- Idade: 37 anos.

3- Qual o seu cargo/função na empresa? Em que época e qual a média salarial para as funções de entrada?

*Eu saí de lá como empilhadeira. Mas eu entrei como operador polivalente.*

*Eu entrei, acho que foi em 2016. Era um salário mínimo da época. Aí se fazia hora extra, recebia hora extra, além de adicional noturno.*

4- Como se deu a sua contratação? E como foi o treinamento?

*A contratação foi através de uma ficha que preenchemos lá. Aí eles selecionam algumas fichas e fazem uma entrevista coletiva. Aí depois dessa entrevista coletiva, eles escolhem e você já é chamado para trabalhar. Aí eles te ligam e já te encaminham para fazer exames, sem nenhuma conversa prévia. Você faz o exame e já começa a trabalhar no dia seguinte. Aí nesse primeiro dia, o coordenador de área, ele te passa para alguém que tem mais experiência e essa pessoa mais experiente que te dá o “treinamento” lá dentro, para você operar, ou uma máquina daquelas que tecem o fio, ou como no meu caso, comecei a recolher gaiola, que é pegar bobinas de fios e colocar nas gaiolas e levar para uma outra área. Um serviço mais braçal. Aí você passa por esse treinamento, e depois pelo treinamento na máquina, e assim você consegue evoluir, mas é tudo como serviço inicial, como operador polivalente. Não aumenta salário nessas funções. Você pode fazer quatro funções lá dentro como operador e é o mesmo salário. Não há certificação para esses treinamentos. Para empilhadeira sim, mas é feito por fora. Era um funcionário de lá, fiscal do trabalho, que dava esse curso por fora. A gente tinha que pagar por fora, e recebe o certificado, mas isso não garante a função na empilhadeira.*

5- Como era a relação da empresa com os funcionários? Havia cumprimento das obrigações trabalhistas?

---

<sup>10</sup> Nome fictício, para preservar a identidade do ex-funcionário.

*Havia cumprimento sim, mas era uma relação assim..., o superior não tinha relação com a gente, que só respondíamos ao coordenador. Era bem burocrático.*

6- Havia possibilidade de estabilidade na empresa?

*Era muito difícil. Eles levam em conta se você é casado, se é religioso. Tudo leva em conta. Se você for solteiro, já cai nos "pontos", mas isso não é declarado. Mas eles perguntam tudo isso na entrevista, até religião. Assim, quem é crente, tem maior estabilidade. Eu era ateu, e já não gostavam. Até adventistas tinham uma estabilidade maior dentro da empresa, assim como os casados e com filhos. Eu tinha filhos já, mas mesmo assim não garantiu muita coisa.*

7- Quais benefícios a empresa oferecia aos funcionários? Vale-transporte, refeição, etc.

*Então, na minha época ainda não tinha a quadra, agora já tem. Vale-transporte tinha, mas você precisava morar acho que 3 km de distância para receber. O único benefício a mais que isso era o plano de saúde.*

8- Existia política de divisão de lucros?

*Tinha um prêmio, mas precisava cumprir uma meta que era gigante. Aí dava o prêmio, mas era muito pouco e nem se comparava com o produzido. Era algo assim como duzentos reais.*

9- Havia algo que você consideraria importado da sede (EUA) no modo de organização da empresa?

*Eu acho que todo o sistema gerencial deles era algo importado. Como se fosse um segmento do fordismo, só que na forma da tecelagem. Um segmento fabril, só que eles já entraram, por exemplo, com aquele esquema de trabalho de 24h, com três turnos, que não é uma coisa nacional. E uma produtividade diferenciada também, com quantidade de fios, que não é algo normal, pois depende da máquina e não do trabalhador, mas eles exigiam essa produtividade. Porque a máquina às vezes está com um defeitinho o fio arrebenta e você tem que ir lá arrumar, e todo dia eles estipulam um tanto de máquinas para você. Aí você está em uma e quebra na outra e eles te cobram que está quebrando os fios. Eles te cobram saber fazer serviço de mecânico, ou de eletricitista. O sistema de gerenciamento deles era bem do estilo americano, que o diretor não tinha contato com nada e nem ninguém, e os trabalhadores bem "chão de fábrica". Por exemplo, os trabalhadores tinham que almoçar num horário e os outros em outro, separado.*

*Não tinha possibilidade de progressão para cargos mais altos. No máximo como gerente de área.*

*A quantidade de funcionários era mais ou menos isso que a empresa te afirmou, uns 200 por turno e 600 no total.*

10- Existe alguma outra informação que você gostaria de apresentar?

*Eles dão um certo tipo de cargo, principalmente para os mecânicos, que inclusive teve até um que morreu lá um pouco após eu sair, que é algo que eles jogam uma pressão para cumprir aquilo. Se não cumprir leva chamada de atenção. Então trabalha na pressão. Eles ficam muito atentos a faltas também, mesmo com atestado. Fiquei sabendo que agora está pior. Você apresenta atestado e no outro dia está na rua. É algo bem rígido.*

*Quanto aos estoques, a empresa passou na minha época com um problema grande, sem muito lucro. Então estava produzindo o que vendia. Quando eu entrei, tinha bastante estoque. Depois passou a produzir o que vendia, e isso gerava mais pressão nos trabalhadores, pois tinham um prazo para entregar e tinha que produzir.*

*Nos cargos mais altos só tinham pessoas vindas de fora, como de São Paulo, por exemplo.*

## ANEXO A – CNPJ da Unifi

|  <b>REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL</b><br><b>CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA</b>  |  |                                       |
|---|--|---------------------------------------|
| NÚMERO DE INSCRIÇÃO<br><b>03.013.973/0001-53</b><br>MATRIZ  | <b>COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL</b>    | DATA DE ABERTURA<br><b>05/03/1999</b> |
| NOME EMPRESARIAL<br><b>UNIFI DO BRASIL LTDA.</b>  |  |                                       |
| TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA)<br><b>UNIFI</b>  |  | PORTE<br><b>DEMAIS</b>                |
| CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL<br><b>13.40-5-01 - Estamparia e texturização em fios, tecidos, artefatos têxteis e peças do vestuário</b>   |  |                                       |
| CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS<br><b>46.89-3-02 - Comércio atacadista de fios e fibras beneficiados</b><br><b>20.40-1-00 - Fabricação de fibras artificiais e sintéticas</b><br><b>72.10-0-00 - Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais</b><br><b>70.20-4-00 - Atividades de consultoria em gestão empresarial, exceto consultoria técnica específica</b><br><b>46.16-8-00 - Representantes comerciais e agentes do comércio de têxteis, vestuário, calçados e artigos de viagem</b> |  |                                       |
| CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA<br><b>206-2 - Sociedade Empresária Limitada</b>   |  |                                       |
| LOGRADOURO<br><b>R ALEXANDRE DUMAS</b>  | NÚMERO<br><b>1711</b>                                      | COMPLEMENTO<br><b>CONJ 901</b>        |
| CEP<br><b>04.717-911</b>  | BAIRRO/DISTRITO<br><b>CHACARA SANTO ANTONIO (ZONA SUL)</b> | MUNICÍPIO<br><b>SAO PAULO</b>         |
|   |  | UF<br><b>SP</b>                       |
| ENDEREÇO ELETRÔNICO<br><b>GILBERTOMORAES@UNIFI.COM.BR</b>   | TELEFONE<br><b>(11) 2161-4877</b>                          |                                       |
| ENTE FEDERATIVO RESPONSÁVEL (EFR)<br>*****  |  |                                       |
| SITUAÇÃO CADASTRAL<br><b>ATIVA</b>  | DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL<br><b>03/11/2005</b>            |                                       |
| MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL  |  |                                       |
| SITUAÇÃO ESPECIAL<br>*****  | DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL<br>*****                         |                                       |

Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.863, de 27 de dezembro de 2018.

Emitido no dia **17/04/2023** às **09:50:03** (data e hora de Brasília).

Página: 1/1